



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Rita Ivone do Carmo Pedro de Oliveira

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

REINTEGRAÇÃO DA RIBEIRA DE SASSOEIROS EM ESPAÇO URBANO CONSOLIDADO

Orientador:

Professor Doutor; Bernardo Pizarro Miranda; Pró-reitor; ISCTE-IUL

CORREDOR VERDE DE S. DOMINGOS DE RANA

Tutor:

Professor Doutor; Pedro Mendes; Professor Auxiliar; ISCTE-IUL

Out. 2019

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

Palavras-Chave: Linha de água; Espaço Público; Paisagem; Lugares; Limites.

Key words: Water Line; Public Space; Landscape; Places; Limits.

Resumo

O âmbito da presente investigação circunscreve-se às freguesias de Carcavelos, Parede e São Domingos de Rana, numa área deste território compreendida entre a Ribeira das Marianas e a Ribeira de Caparide.

A observação deste território espelha o resultado da ação humana: um processo de apropriação e transformação norteado por novas necessidades, substantivamente desarticuladas com as características congénias deste tipo de paisagem.

Desde o início da investigação e sobretudo do exercício do projeto, que nos interessámos pelo percurso das linhas de água. Estas foram determinantes enquanto sustento de uma paisagem agrícola e, com o advento da ocupação imobiliária, esquecidas e adulteradas, sempre que a sua localização prejudicou o crescimento de uma periferia desregulada. Ou seja, de suporte a um solo fértil para a agricultura e para a vinha, passaram a ter um papel secundário, próximo do abandono.

Com a investigação desenvolvida pretendeu-se sobretudo ancorar o exercício de projeto num conhecimento mais profundo deste território, estudando em simultâneo, noutros casos de estudo, estratégias de renaturalização de territórios desvitalizados.

O exercício de projeto visou, finalmente, reintegrar no tecido dinâmico deste território com a ribeira de Sassoeiros, desenhando e requalificando as suas margens, definindo espaços de jardim plantados e construindo equipamentos indutores de urbanidade.

Abstract

In the scope of the investigation, it is limited to the parishes of Carcavelos, Parede and São Domingos de Rana, in an area of this territory between Ribeira das Marianas and Ribeira de Caparide.

The observation of this territory reflects the result of human action: a process of appropriation and transformation guided by new needs, substantively disjointed with the congenial characteristics of this type of landscape.

Since the beginning of the research and especially the project exercise, we have been interested in the water lines. These were crucial as sustaining an agricultural landscape and, with the advent of real estate occupation, forgotten and adulterated, whenever their location hindered the growth of an unregulated periphery. In other words, supporting a fertile soil for agriculture and vineyards, they began to play a secondary role, close to abandonment.

With the research developed it was mainly intended to anchor the project exercise in a deeper knowledge of this territory, while studying, in other cases of study, strategies of renaturalization of devitalized territories.

Finally, the project exercise aimed at reintegrating the dynamic tissue of this territory with the Sasseiros stream, designing and requalifying its shores, defining planted garden spaces and constructing urbanity inducing equipments.

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Pedro Mendes, pela orientação prática e pelo acompanhamento ao longo do ano.

Ao Professor Bernardo Pizarro Miranda, pela orientação teórica e por realçar a importância e a influência que a teoria exerce sobre a prática de arquitetura.

Aos meus colegas e amigos, Pedro Oliveira, Rodrigo Sousa, Sara Paiva, Inês Raposo e Fábio Godinho, pela ajuda e pelos momentos bem passados. Em especial à Mariana Raio e à Renata Almeida pela disponibilidade, atenção e amizade ao longo de todo o curso.

Com a consciência de que não teria sido possível concluir esta etapa sozinha, um agradecimento especial aos meus pais, pelo apoio, incentivo, paciência e esforço monetário ao longo destes anos. E por último agradeço aos meus avós, em especial à minha avó. A eles dedico este trabalho.

A Todos, Um Muito Obrigada!

Reintegração de Ribeira de Sasseiros em Espaço Urbano Consolidado

Índice

Introdução	9
1	
Análise Biofísica da Ribeira	12
Hidrografia.....	12
Unidades de Paisagem.....	14
Galerias Ripícolas.....	17
Tipos de Ribeiras.....	19
2	
Influência da Ribeira de Sassoeiros no Desenvolvimento da Malha Urbana	22
Evolução Histórica.....	22
Carta Militar 1935.....	23
Carta Militar 1970.....	25
Carta Militar 1992.....	28
Carta Militar 2009.....	30
Crítica à evolução histórica da área analisada.....	33
3	
Elementos que definem o território	36
Paisagem	37
Lugar.....	46

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

Limites.....	48
4	
Proposta.....	56
Introdução.....	56
Escolha do terreno	57
Análise do terreno	63
Corredor Verde de S. Domingos de Rana	66
Considerações Finais.....	83
Referências Bibliográficas.....	85
Índice de Figuras.....	88
Anexos.....	92

Introdução

Na presente dissertação, enquadrada no âmbito do Projeto Final do Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-IUL pretende-se: (1) analisar e conhecer o território escolhido, alertar para a importância da linha de água e fazer uma crítica ao desenvolvimento abrupto da malha urbana sem deixar de referir também os seus benefícios; (2) perceber com base no passado e nas possibilidades futuras, com a ajuda de casos de estudo, como é que esta ribeira se pode voltar a integrar no território após todas as sobreposições sofridas ao longo dos tempos.

O primeiro capítulo será dedicado à análise biofísica da Ribeira de Sasseiros. Onde se irá perceber a sua hidrografia, a biodiversidade do local, quais os seus métodos naturais de proteção e a que tipo de ribeira pertence, segundo o método de Rosgen.

O segundo capítulo desta dissertação apresenta uma breve introdução ao território. A sua análise biofísica e o seu tipo de ribeira. Uma evolução histórica e territorial de malha urbana com referência em quatro cartas militares datadas de 1935, 1970, 1992 e a mais atual 2009.

O terceiro capítulo abordará três conceitos chave procurando a partir destes construir um quadro de teórico que alagasse o universo das questões colocadas inicialmente.

O quarto capítulo corresponde à proposta onde se verifica a articulação entre os conhecimentos prévios adquiridos e a estratégia de intervenção da parte prática.

Reintegração de Ribeira de Sasseiros em Espaço Urbano Consolidado

Finalmente nas considerações finais constrói-se uma síntese do trabalho efetuado e uma reflexão sobre a paisagem, os lugares, os limites e contributos deste projeto para intervenções futuras.

A metodologia utilizada para esta dissertação começou por: realizar uma análise biofísica sobre o local com base no site da Câmara Municipal de Cascais – GeoCascais – e do Método de Rosgen, de forma a perceber qual o tipo de ribeira e quais as suas necessidades.

Em segundo lugar realizou-se uma análise às cartas militares recolhidas. Com o objetivo de analisar a sua evolução ao longo dos anos. Com base na informação recolhida nas cartas militares, o passo seguinte foi pesquisar autores e arquitetos cujas obras se identificassem com os objetivos propostos para o projeto. Autores estes que permitissem adquirir conhecimentos sobre linhas de água, paisagem, renaturalização, limites e vazios. Também a pesquisa de projetos se tornou essencial para poder observar estes conhecimentos colocados em prática. Desta forma começaram a surgir diferentes autores relacionados com os três conceitos principais: paisagem, lugares e limites, fundamentais para a conjugação entre a teoria e a prática.

Durante todo este percurso também houve a possibilidade de reunir com o Atelier Risco, de forma a compreender como funciona o projeto Polis do Cacém. Quais foram os problemas que tiveram de atravessar para a realização do projeto. Como é que se regenerou o espaço público e qual foi a reação da população a esta mudança no território ao longo dos anos.

1

Análise Biofísica da Ribeira

Hidrografia

Unidades de Paisagem

Biodiversidade

Galerias Ripícolas

Tipos de Ribeiras

Análise Biofísica da Ribeira

Hidrografia

Como em qualquer outro território a rede hidrográfica é muito importante. A maioria dos cursos de água que por ele passam têm como característica um caudal reduzido e um regime torrencial, ou seja, parte do ano as ribeiras quase não têm água, mas quando chove o seu caudal aumenta substancialmente. Todas as ribeiras de Cascais vão desaguar no Oceano a Oeste ou no Rio Tejo a Sul do conselho.

Tendo em conta a figura 1, pode-se verificar que grande parte deste território se encontra em zonas suscetíveis a inundações devido à subida do leito das ribeiras. No caso do conselho de Cascais estas áreas encontram-se ameaçadas no inverno pois as ribeiras são de chuvas torrenciais, assim sendo apenas inundam se chover. Esta planta representa a malha urbana existente ameaçada por cheias, podendo ilustrar o que aconteceria se o caudal das ribeiras subisse drasticamente. A zona da marginal seria decerto a mais afetada, por se conjugar o excesso de água do Rio Tejo e das Ribeiras que nele desaguem. Quanto às ribeiras, a de Caparide é a que mais inundações pode causar, por ter maior caudal e por ainda albergar o desenvolvimento de um ecossistema ribeirinho nas suas margens. Já as ribeiras da Marianas e de Sasseiros, os seus caudais não aumentam tanto como na de Caparide pois, se encontram em alguns pontos encanados ou emparedadas. Mas isso não impede que a água se infiltre pelo solo e cause tantos ou mais estragos que na ribeira de Caparide. Pois existem muitas construções que se sobrepõem à sua passagem.



Figura 1 – Limites de Chera

Unidades de Paisagem

A paisagem é uma parte fundamental do património, devido ao seu ornamento, conservação e valorização. Define-se através da homogeneidade do território, ou seja, as áreas não têm de ser todas iguais, é apenas necessário identificar uma unidade que se diferencie da envolvente. Como se pode observar na imagem a paisagem em Cascais encontra-se muito degradada devido à rápida evolução do território. Assim torna-se fácil perceber quais os pontos do território onde se destaca a paisagem natural. Esta paisagem predomina junto às ribeiras das marianas, de Sassoeiros e a de Caparide sendo esta a que alberga um ecossistema mais vasto.

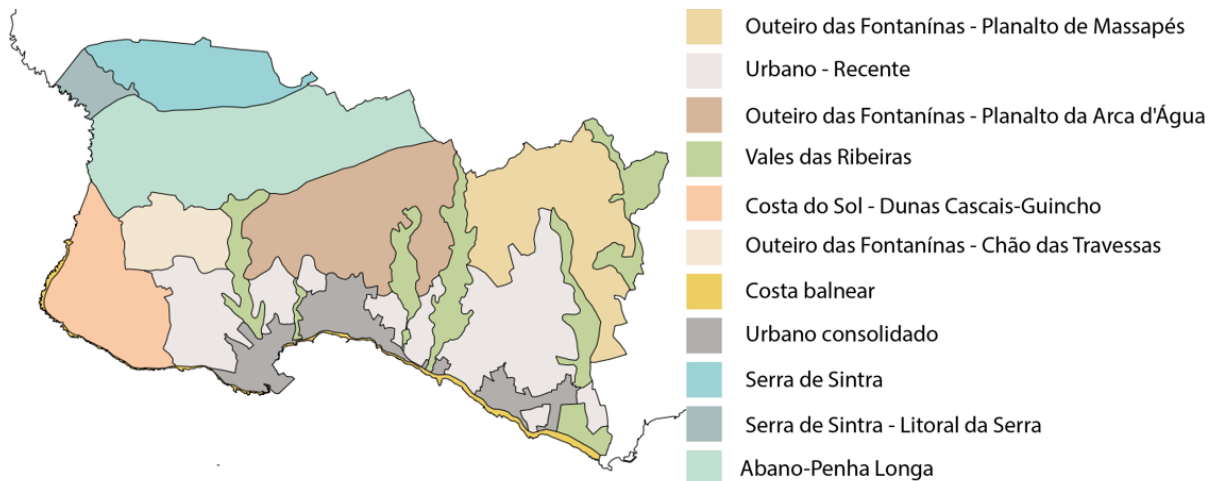


Figura 2 – Unidades de Paisagem

Biodiversidade

A biodiversidade também pode ser chamada de diversidade biológica e engloba todos os seres vivos existentes no planeta. Refere-se à variedade de fauna, flora, fungos e micro-organismos e à sua interação com o meio ambiente e as outras espécies. Divide-se hierarquicamente em ecossistemas que oferece diversas regras segundo a sua localização, em espécies que permitem a interação das mesmas no mesmo ecossistema, em populações que se adaptam a diferentes lugares e os genes que permitem às espécies se adaptarem aos longos dos tempos às alterações do habitat e das outras espécies. Todos eles têm diferentes funções que permitem equilibrar o ecossistema. (Costa, 2015)

A biodiversidade é uma das maiores riquezas do planeta pois permite obter alimentos, medicamentos e energia. Permite a regulação do clima, protege contra avalanches e cheias, purifica o ar que se respira e diminui as doenças. Toda a biodiversidade e os seus benéficos deveriam contribuir para a melhoria da sociedade, do seu estilo de vida, mas devido à crescente utilização dos recursos naturais, a poluição, a destruição dos habitats e as alterações climáticas levam à extinção de ecossistemas, espécies, populações e genes. Os recursos renováveis que deveriam ser utilizados com conta, peso e medida, acabam por se esgotar mais rápido do que a sua produção, aumentando a pegada ecológica. A poluição que pode ser atmosférica, dos solos e da água destrói a fauna e flora existentes. São as grandes cidades que mais contribuem e que mais sofrem com a poluição, na China por vezes as plantas têm dificuldade em realizar a fotossíntese devido ao nevoeiro na atmosfera. Os habitats marinhos sofrem com a destruição dos recifes de coral e as zonas de estuário. Os terrestres há muito que se encontram em decadência com os incêndios e utilização desmedida dos recursos. Tudo isto culmina nas alterações climáticas que por sua vez alteram o pH das águas, geram períodos de seca extrema ou de grandes enchurradas. Em nada ajudam o ecossistema que pode não se conseguir adaptar e transformar. (Costa, 2015)

Existem soluções para reverter estes acontecimentos como a criação de parques naturais para proteger os ecossistemas para que se possam desenvolver em segurança, protegidos da atividade humana.

Biodiversidade no concelho de Cascais

A ocupação dos territórios e o rápido desenvolvimento da agricultura, fizeram com que a vegetação natural de muitas áreas desaparecesse e agora sejam inexistentes. Mas o concelho ainda tem biodiversidade marinha e terrestre. Com uma vasta zona costeira e várias ribeiras, o seu sistema hídrico alberga vários ecossistemas e seres vivos nas suas dunas, arribas e galerias ripícolas. (Avelar and Cruz, 2010) A biodiversidade vegetal encontra-se mais presente com a diversidade de árvores no território como pinheiros, árvores de fruto, canaviais junto às ribeiras e galerias ripícolas que ajudam a proteger os ecossistemas ribeirinhos.

Galerias Ripícolas

Toda a vegetação que inclui a relva, os arbustos e as árvores tem um papel muito importante para a proteção das linhas de água. As galerias ripícolas são formadas por esta vegetação e assim cumprem as suas funções de proteção para os ecossistemas que nela se desenvolvem, protegem das chuvas, do sol e do vento fortalecendo a terra, regulam a temperatura e estabilizam as margens do rio. (Beck, 2018) Funcionam com corredores verdes altamente integrados que facilitam a migração de espécies e permitem a biodiversidade animal e vegetal. Mas devido à canalização das ribeiras esses pequenos ecossistemas encontram-se fragmentados. A ribeira de Sassoeiros, em estudo, encontra-se nas quatro ribeiras do território onde a galeria ripícola se considera quase inexistente, por se encontrar encanada em algumas partes do seu percurso.(Avelar and Cruz, 2010)

A zona ripícola encontra-se dividida em três zonas distintas. A Zona (A) representa a zona mais próxima da água onde se desenvolve a vegetação com maior capacidade de absorção e que consegue sobreviver a cheias ou a longos períodos de tempo submersas, pois se regenera muito depressa. Na Zona (B) crescem os arbustos e plantas de maior porte com uma fisionomia mais robusta do que a vegetação anterior. E por fim na Zona (C) já se encontra uma variedade de vegetação tais como relva, árvores e flores que permitem a infiltração a água através do solo. Como se pode verificar o canal encontra-se bem protegido e organizado pela vegetação onde cada uma tem o seu lugar e a sua função de filtrar nutrientes e capturar sedimentos.

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

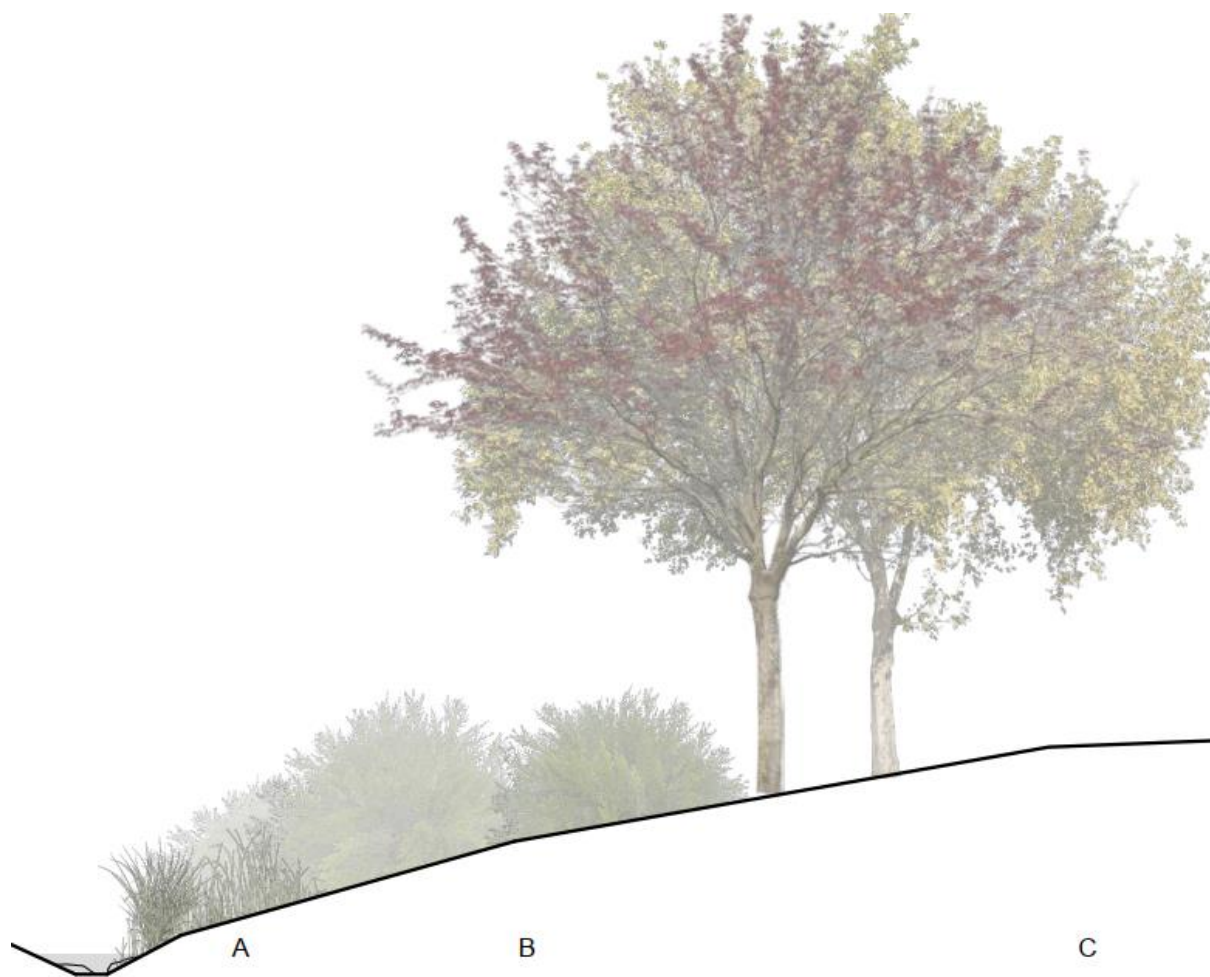


Figura 3 – Galerias Ripícolas

Tipos de Ribeiras

A ribeira como elemento natural, não é estática tem vida e por isso está sempre em constante desenvolvimento e alteração. Nenhum rio ou ribeira é igual e até mesmo a própria linha de água tem variações na sua morfologia. Vista em planta pode não ter sempre a mesma largura, pode ter uma forma mais serpenteada ou mais reta e acrescentar umas ramificações. A secção pode ser mais funda, larga, quadrada ou plana dependendo da topografia do território. Estas características são utilizadas no método Rosgen para identificar o tipo de ribeira e que tipo de reabilitação dever ser feita. Este método é muito utilizado, foi criado por Dave Rosgen onde divide a sua classificação de ribeiras e rios em quatro níveis. O nível I consiste em definir as características geomórficas. O nível II foca-se na descrição morfológica

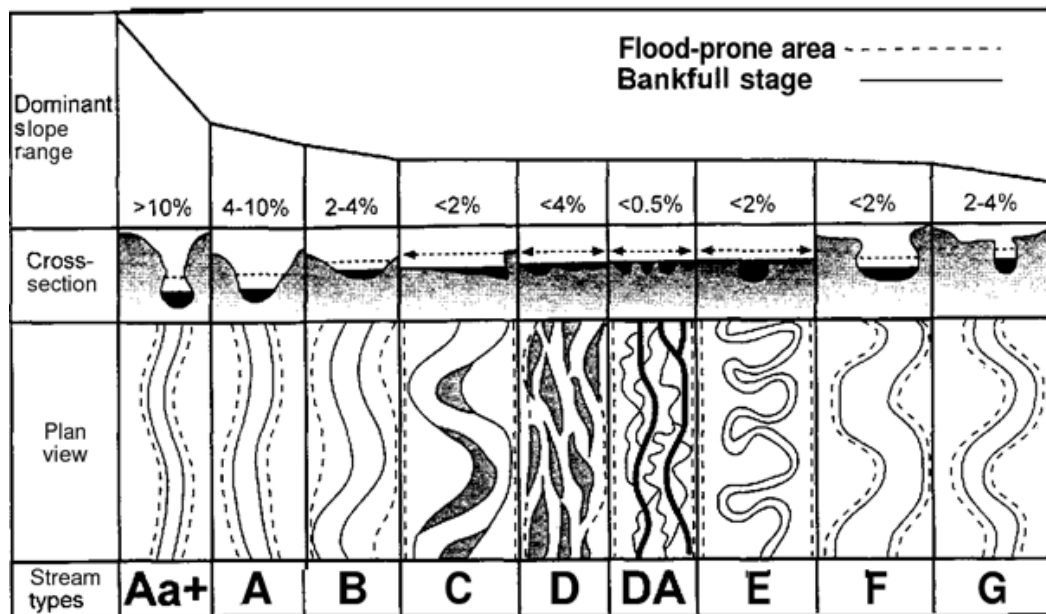


Figura 4 – Tabela que representa os tipos de ribeiras, segundo o Método de Rosgen

sendo necessário realizar medições no terreno, o nível III são as condições para restaurar o projeto e no nível IV é a verificação e validação do projeto. Neste estudo apenas irei referir o nível I no qual o autor caracteriza a ribeira através da topografia, solos, relevo da bacia e perfil da ribeira.

O método de Rosgan no nível I divide as ribeiras em 9 categorias diferentes de “A” a “G” influenciadas pela “*landform*” inclinação e seção do terreno definida por 11 tipos de vales diferentes e pelos “*streamtypes*” o desenho que o rio faz no território devido às inclinações. As ribeiras dos tipos Aa+ e A encontram-se bem delimitadas e profunda, normalmente situadas em zonas com maior declive e onde existe a possibilidade de queda de detritos. O tipo B encontra-se em terrenos com pouca inclinação e onde o seu caudal é apertado e com baixa sinuosidade. O tipo C pode-se localizar tanto em vales estreitos como largos com baixa inclinação, muito serpenteada e a sua planície de inundação está bem desenvolvida. Os tipos D e DA definem-se como canais complexos presentes em planícies. No tipo E as suas margens encontram-se delimitadas e são altamente sinuosos. O tipo F é parecido com o anterior mas menos sinuoso. E por fim o tipo G que também pode ser chamado de “sargeta” por ser estreito e de baixa sinuosidade. (‘Watershed Academy Web’, 2019)

Tendo em conta as classificações pelo método de Rogen a Ribeira de Sassoeiros situa-se entre o tipo B e o tipo C. Pois situa-se num território pouco inclinado, quase plano. No seu corte em perfil pode-se perceber que não é funda e por consequência o seu leito não tem capacidade para reter muita água, assim sendo a sua planície de emundação está bem desenvolvida. Neste caso esta ribeira encontra-se no tipo B, pois o que a diferencia do tipo C é a sua baixa sinuosidade em todo o seu percurso.



Figura 5 – Perfil da Ribeira de Sassoeiros

2

Influência da Ribeira de Sasseiros no Desenvolvimento da Malha Urbana

Evolução Histórica

Carta Militar 1935

Carta Militar 1992

Carta Militar 1970

Carta Militar 2009

Crítica à evolução histórica da área analisada

Influência da Ribeira de Sasseiros no Desenvolvimento da Malha Urbana

Evolução Histórica

Para realizar uma intervenção no território, antes de mais é necessário conhecê-lo. Fazer pesquisa sobre o mesmo e estudar a sua evolução ao longo dos anos, tendo como referência as cartas militares que mostram a sua evolução. Para que no fim se possa realizar uma crítica aos acontecimentos e ao seu desenvolvimento de forma a melhorar não só o desenho urbano, mas também a economia, sociedade e ambiente.

Foram analisadas as cartas de 1935, 1970, 1992 e a mais atual de 2009. Para perceber como é que as infraestruturas criadas para facilitar os acessos e a expansão no território prejudicaram o que já existia.

Carta Militar 1935

Na carta militar de 1935 destaca-se a linha de costa e as linhas de água bem demarcadas no território que por sua vez têm diversas quintas adjacentes delimitadas pelos seus muros. Em grande destaque está o Forte de S. Julião da Barra. Construído entre os séculos XVI e XVII, com o objetivo de proteger a entrada e a saída de navios do Rio Tejo. Foi mandado construir pelo Rei D. João II em 1553 e seria implantado, com planta irregular, sobre a rocha da margem direita do Rio. Em 1580 sofreu invasões espanholas e o Duque de Alba conquistou o forte. Consequentemente o rei Filipe I de Espanha mandou aumentar a fortificação, concluído em inícios de 1600. Mas em 1640 voltou a ser conquistada pelos portugueses no reinado de D. João IV. Que por sua vez voltou a fazer alterações na fortaleza. Em 1755 foi colocada no centro da praça de armas um farol. (Henriques, 2014)

Também em destaque está a grande costa denominada de Praia de Carcavelos onde desaguam as duas ribeiras que delimitam a vertente prática, Ribeiras das Marianas e de Sasseiros. Desde logo se pode verificar marcado no território uma infraestrutura de caminho-de-ferro, que se sobrepõe à passagem das ribeiras. Mas foi com esta construção que se criou uma estação em Carcavelos e consequentemente permitiu o crescimento urbano.

Nesta altura a única saída e entrada rápida para a Capital era a linha de caminho-de-ferro, mas esta encontrava-se muito perto da costa e os terrenos que se situavam mais a norte eram maioritariamente compostos por campos agrícolas e baldios. Campos estes que eram limitados por dois tipos distintos de estradas, as principais que permitiam chegar o mais rápido possível de um ponto ao outro e as estradas secundárias, chamadas de caminhos de terra batida. As últimas começaram por ser limites de quintas, eram percorridos a pé ou em carroças de tração animal. Estas duas marcas no território delimitaram os terrenos que se mantiveram.

A malha urbana que existia era composta por alguns aglomerados junto das Quintas e das Vias principais, mas nada organizados.

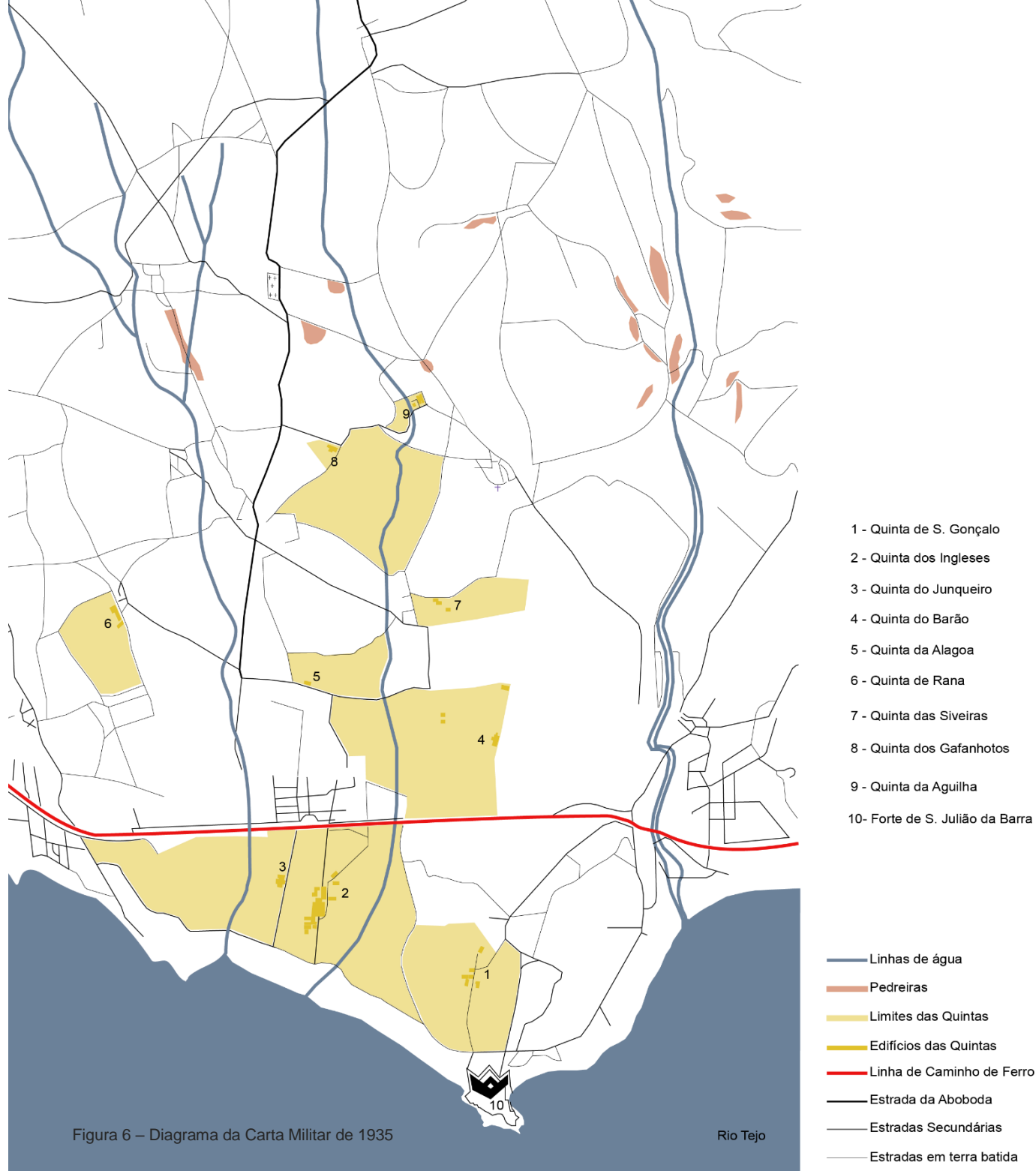


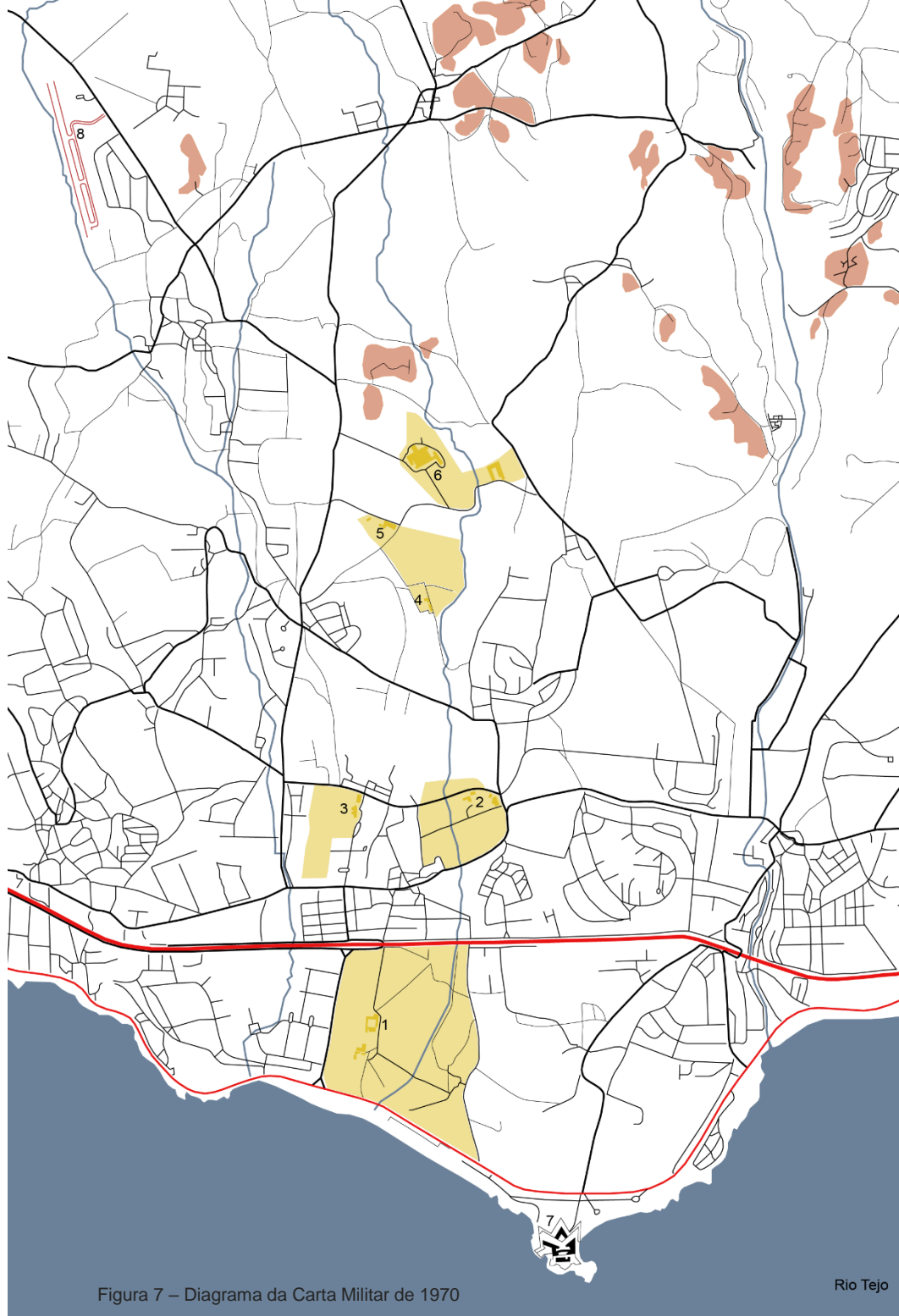
Figura 6 – Diagrama da Carta Militar de 1935

Rio Tejo

Carta Militar 1970

Em 1970 o concelho teve um desenvolvimento notório. A marginal está, nesta altura, consolidada fazendo agora o papel de separação do território tal como a linha de caminho-de-ferro. Ao curso de água que chegava à Quinta do Barão são-lhe agora sobrepostos vários atravessamentos (pontes), é quebrado com o corte de uma estrada que aumenta o aglomerado de casas começando a originar bairros. Junto da linha de caminho-de-ferro nota-se uma grande evolução de Carcavelos, Parede e Oeiras, que agora cresce com uma regra e retira espaço aos terrenos baldios que lá existiram, evolução esta que também se estende até à costa. Acima da infraestruturas e longe dos bairros continuam a existir imensos terrenos baldios apenas divididos pelas estradas. Os terrenos que permanecem intactos pertencem às quintas e os seus limites permitem que não se extingam. Durante muito tempo a agricultura foi a principal atividade do concelho de Carcavelos. Em alguns anos tinham de ter sorte pois a ribeira secava na altura do estio (Verão) e para obter e abastecer as quintas de água muitas propriedades acabavam por recorrer a: noras, estanca rios, cegonhas ou picotas (instrumento utilizado para elevação da água que está no solo) e moinhos de vento. Com todas estas dificuldades no Verão e com a falta de engenho, a produção principal de trigo, secundária de milho, aveia, centeio e fava e a de cevada para a ração por vezes nem dava para o consumo interno. Para além de cereais o concelho também é muito conhecido pela produção de vinho, a cultura mais importante em Carcavelos, desenvolvida nos Bairros da Parede, Murtal e Galiza. Mas tal como na agricultura haviam anos menos bons e por vezes as pragas de oídio (cogumelo parasita das uvas) acabava por estragar as videiras. A quinta que mais se destaca pela produtividade é a Quinta dos Ingleses localizada em Carcavelos junto à costa. Para além de ser uma quinta para produção de vinhos, devido à sua localização era um ponto estratégico para fazer a ligação entre Inglaterra e Bombaim (Índia) e posteriormente com os Açores, Cabo Verde e o Brasil. Passou a chamar-se Quinta dos Ingleses quando uma colónia de súbditos ingleses se fixou no local. Desta apropriação ficaram alguns edifícios, como o Hospital (Queen's Building).

(Henriques, 2014) A Quinta do Barão localiza-se também em Carcavelos e até 80 do séc. XX esteve ligada à produção de vinhos, era composta por diversos edifícios tais como adegas e lagares. A Quinta dos Gafanhotos *“Prédio urbano e rustico, consta de uma propriedade denominada os Gafanhotos de cima, que se compõe de terras de sementeira, com casas de residência de primeiro pavimento, adega, arribanas, e mais acomodações, poços com nora, casas, canos e árvores frutíferas, toda murada sobre si...”*(Teixeira, Cardoso and Miranda, 2003b). Beneficiou com a passagem da ribeira pelos terrenos da quinta que permitiu um solo fértil para o cultivo de cereais como o trigo. A Quinta da Torre da Aguilha cujo nome vem de “turris” nome dado pelos Romanos as suas casas de campo ou terrenos para cultivar e “guilha” colheita abundante de cereais. É uma das mais antigas quintas do concelho, pertencendo ao séc. XVI. Tinha a maior e melhor produção de cereais na época porque a produção de cereais e a produção de trigo era feitas em terrenos separados.(Teixeira, Cardoso and Miranda, 2003a) A Quinta do Marquês situava-se no Arneiro, foi construída no tempo do Marquês de Pombal sem linhas de água próximas da quinta, o Marquês viu-se obrigado a mandar construir um aqueduto para abastecer a sua quinta e também o chafariz localizado no centro do Bairro da Mina.(Freguesia, 2000) Mais para Norte, em S. Domingos de Rana e em torno da Ribeira de Sassoeiros não existem construções nem quintas apenas pedreiras. Para além da vinha e da agricultura também Caparide e S. Domingos de Rana eram ricos em matéria-prima, os canteiros passaram a ser também muito importantes para o desenvolvimento do concelho. A pedra de lá extraída era utilizada para construções locais tais como a Capela da Quinta de Manique séc. XVIII.(Henriques, 2014) Entre tudo isto a ribeira de Sassoeiros perdesse por entre terrenos baldios, quintas e pedreiras.



- 1 - Quinta dos Ingleses
- 2 - Quinta do Barão
- 3 - Quinta da Alagoa
- 4 - Quinta Casal dos Grilos
- 5 - Quinta dos Gafanhotos
- 6 - Quinta da Torre da Aguilha
- 7 - Forte S. Juliã da Barra
- 8 - Aerodrome de Tires

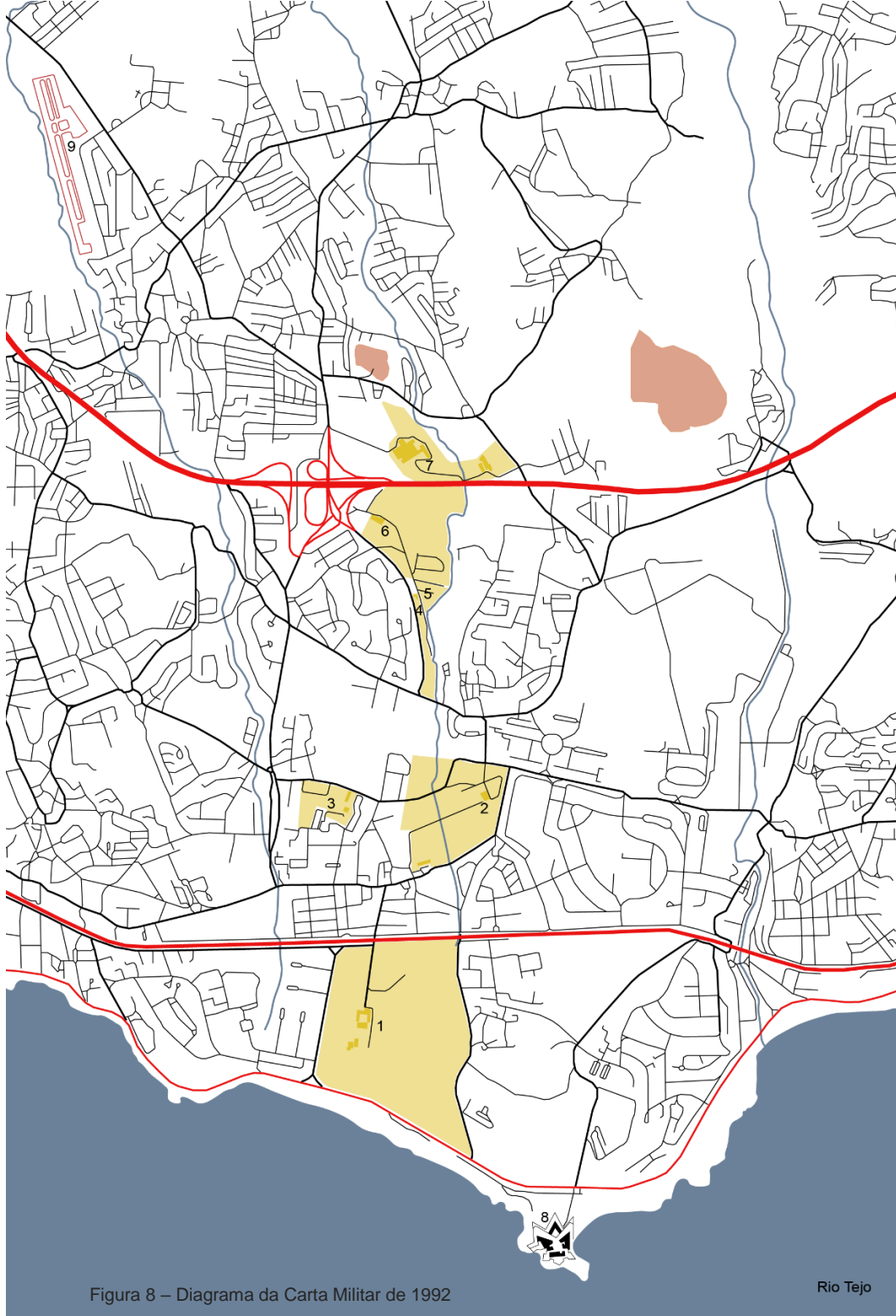
- Linhas de água
- Pedreiras
- Limites das Quintas
- Edifícios das Quintas
- Linha de Caminho de Ferro
- Marginal
- Estradas Principais
- Estradas Secundárias
- Estradas de terra batida

Figura 7 – Diagrama da Carta Militar de 1970

Rio Tejo

Carta Militar 1992

Na carta militar de 1992, todo o território sofreu uma grande alteração com a construção da autoestrada, que atualmente o divide em dois, Norte e Sul. Pode-se verificar na planta que à esquerda da ribeira de Sasseiros todas as povoações que outrora não existiam ou eram apenas aglomerados de casas junto às quintas. Agora formam uma malha urbana compacta, com a passagem de estradas alcatroadas, provenientes da grande via. Como se pode verificar o desenho das quintas desapareceu e a ribeira ficou perdida entre as construções.



- 1 - Quinta dos Ingleses
- 2 - Quinta do Barão
- 3 - Quinta da Alagoa
- 4 - Quinta S. Miguel da Encosta
- 5 - Quinta Casal dos Grilos
- 6 - Quinta dos Gafanhotos
- 7 - Quinta da Torre da Aguilha
- 8 - Forte S. Julião da Barra
- 9 - Aerodróme de Tires

- Linhas de água
- Pedreiras
- Limites das Quintas
- Edifícios das Quintas
- Auto-Estrada A5
- Linha de Caminho de Ferro
- Marginal
- Estradas Principais
- Estradas Secundárias

Figura 8 – Diagrama da Carta Militar de 1992

Rio Tejo

Carta Militar 2009

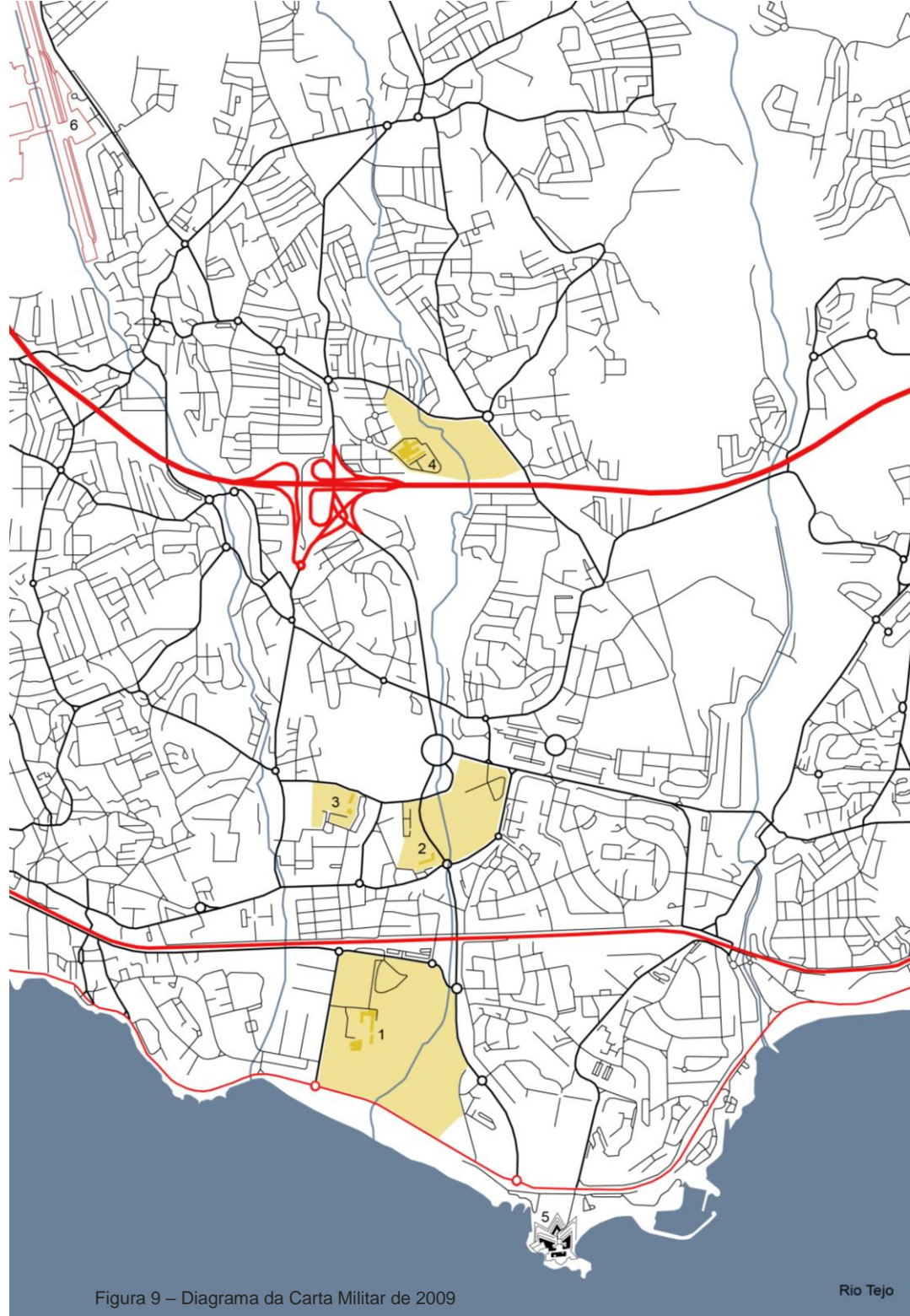
No ano de 2009 pode-se verificar que o território está muito mais preenchido. As estradas e as ruas principais atravessam o Concelho de Este para Oeste, são as estradas secundárias que fazem as ligações do Rio Tejo para o interior do território. Sempre com um traçado irregular, respeitando os limites que persistiram à passagem do tempo e que agora estruturam o concelho criando uma malha consolidada. Mas no meio desta malha ainda existem vazios que se podem tornar oportunidades de criar um escape a toda esta malha de ruas estritas que percorrem um concelho com função de dormitório.

Como qualquer outro território percorrê-lo de carro e a pé são experiências completamente distintas. Mas também é diferente passear pelas zonas Sul e Norte, tendo a autoestrada como separação das mesmas. Na zona Sul que faz a ligação com o Rio Tejo tem muito mais oportunidades e espaços de lazer. As ruas e os passeios são mais largos e os edifícios mais altos. Aqui os carros percorrem as ruas a uma velocidade mais elevada que na zona Norte. Onde as ruas são mais estreitas e os edifícios são mais baixos e mais próximos uns dos outros. Dando o ambiente mais de cidade abaixo da autoestrada e de aldeia ou vila acima da mesma.

A pé existem mais barreiras para poder percorrer o território, pois ao passo que estas grandes infraestruturas ajudam as passagens feitas de carro, a pé acabam por prejudicar a fluidez dos atravessamentos. Mesmo assim tanto a linha de caminho-de-ferro como a marginal acabam por ser mais fáceis de atravessar que a autoestrada. Isto não só se deve à sua largura mas também à posição no território. Pois a autoestrada não necessita de paragens de estação em estação ou de cruzamentos, apenas necessita de um grande ponto de distribuição para entrar e sair de cada localidade. O que facilita as entradas e saídas com carros e dificultam os atravessamentos a pé pois estes se localizam nas estações e nos cruzamentos, já o ponto de distribuição da autoestrada para além de ser só um é perigoso para o pião.

Reintegração de Ribeira de Sasseiros em Espaço Urbano Consolidado

Algo curioso é que a ribeira se perdeu na vivência deste território e para que se perceba a sua existência depende da velocidade a que se percorre o espaço e que se passa nos pontos em que por entre as habitações se consegue vislumbrar a sua existência. Pois se o percurso for feito de carro a velocidade não permite perceber que ela existe. Se for a pé repara-se nos pequenos atravessamentos rodoviários construídos para se atravessar a ribeira, mas atualmente o impacto dos edifícios é mais forte que a linha de água.



- 1 - Quinta dos Ingleses
- 2 - Quinta do Barão
- 3 - Quinta da Alagoa
- 4 - Seminário Torre da Aguilha
- 5 - Forte S. Julião da Barra
- 6 - Aerodróme de Tires

- Linhas de água
- Pedreiras
- Limites das Quintas
- Edifícios das Quintas
- Auto-Estrada
- Linha de Caminho de Ferro
- Marginal
- Estradas Principais
- Estradas Secundárias

Figura 9 – Diagrama da Carta Militar de 2009

Rio Tejo

Critica à evolução histórica da área analisada

Atualmente as quintas desapareceram e ficaram os nomes. São poucos os terrenos livres e adjacentes à ribeira onde a construção é proibida. Se compararmos a primeira planta (1935) e a planta atual, o que se percebe desde logo é que a ribeira que se encontrava ladeada por quintas e permitia um solo fértil para a agricultura e vinha, perdeu toda a sua força no desenho do território para edifícios, rotundas, muros e 3 infraestruturas: a marginal, a linha de caminho-de-ferro e a *“uma autoestrada que atravessa extensa e variada região em rigorosa direitura é uma vergastada na paisagem que se ressent de brutal intromissão.”* (Lino, 1945), o concelho está marcado pela presença de vários limites e obstáculos isolados. Atualmente está, esquecida, encanada, encurralada e fragmentada entre edifícios e muros de betão. Na passagem pelas ruas de Carcavelos ou S. Domingos de Rana o percurso feito por esta linha de água torna-se invisível aos olhos de quem é turista sobre este território. Alguns dos limites pertencentes às quintas com melhor e maior produtividade ajudaram a manter esta linha de água viva até hoje. Tais como a Quinta dos Ingleses, a Quinta dos Gafanhotos e a Quinta da Torre da Aguilha.

Este território após o desenvolvimento das três infraestruturas com maior importância no concelho desenvolveu-se muito mais rápido. No entanto o curso natural da ribeira é Norte-Sul e todos os grandes desenvolvimentos aparecem com direções Nascente-Poente. A explicação para isto é que a Nascente se encontra a Capital (Lisboa) e a Poente de Carcavelos se encontra Cascais. Carcavelos e S. Domingos de Rana têm a função de dormitório, ou seja, grande parte das pessoas que lá vive, trabalha fora do concelho. O que mais mudou durante estes anos e que permitiu viver o espaço de outra maneira foi a forma de o percorrer. Antigamente os percursos eram feitos a pé ou em carros de tração animal em terra batida, porque as pessoas trabalhavam a terra, plantavam nas suas quintas e vendiam os produtos no mercado local. Os tempos mudaram e os empregos passaram a ser na cidade assim sendo os

caminhos cimentaram-se e formaram os limites dos terrenos permitindo a passagem do carro com o objetivo de chegar mais rápido a cada destino.

Com todas estas alterações não existem espaços públicos de grande escala que permitam aos moradores saírem de suas casas e passearem livremente sem terem de se cingir aos passeios estreitos e às ruas dominadas pelo carro.

“(…), a todo o transe, nas vias públicas, avenidas desconhecidas, amplidão desproporcionada de áreas, desnecessário desafogo de edifícios, preocupação injustificada de simetria etc., etc., de onde resulta muitas vezes imperdoável destruição de construções ou conjuntos de carácter artístico, quer sejam obras de arquitetura, quer trechos de paisagem, (…).” (Lino, 1945)

Existe uma grande necessidade de construir e por vezes não se pensa qual a carência do território podendo assim acabar por se destruir obras de arquitetura ou paisagem natural. O que também chama a atenção nesta citação são os danos causados pelo mau traçado no planeamento urbano de uma cidade e que após a sua concretização se tornam irreversíveis. Dai as decisões terem de ser tomadas com cautela, prevendo os pontos negativos e positivos do traçado proposto.

Neste caso em concreto todas as infraestruturas que permitem os atravessamentos e que se vieram sobrepor à ribeira, são benéficas para o desenvolvimento do território enquanto percorrido pelo carro, mas não para quem o percorre a pé.

3

Elementos que definem o território

Paisagem

Paisagem Rural

Paisagem Artificial

Natureza

Elementos Naturais

Lugares

Limites

Elementos que definem o território

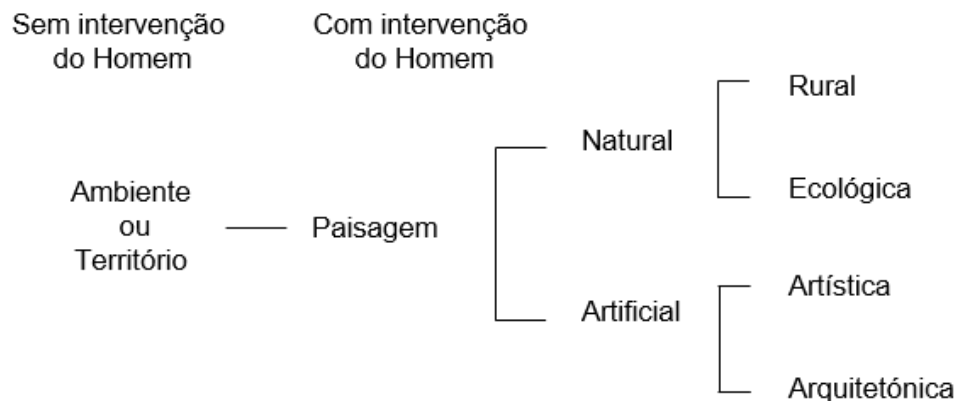
Nos capítulos anteriores estudou-se a biofísica do território e a sua evolução. Percebeu-se que o território se encontra em decadência, pois os elementos ambientais, sociais e económicos não trabalham em conjunto para promover um desenvolvimento do mesmo. O ambiente está esquecido e degradado devido à falta de biodiversidade, pois as ribeiras encontram-se sem tratamento com pouco ou nenhum espaço público e com o desaparecimento das quintas que sempre foram grandes porções de terreno que poderiam vir a ser oportunidades para o desenvolvimento da cidade. Por consequência impede o desenvolvimento do aspeto social, por não ter espaços de lazer e por ter características de dormitório não movimenta a economia.

Neste novo capítulo sobre os elementos que marcam o território irei enunciar três temas e respetivos autores para relacionar a importância do desenvolvimento do território tendo em conta o ambiente, o desenvolvimento económico e social. Irei abordar a paisagem como ponto de vista ambiental. O lugar e os limites para o economismo e social, respetivamente. Para desta forma responder às questões colocadas anteriormente.

Paisagem

A paisagem é um elemento forte que pertence ao território e engloba tanto a paisagem natural como a artificial. Enric Battle (1956), no livro El Jardin de la Metrópoli, divide e caracteriza a paisagem em quatro tipos diferentes, a paisagem natural que se divide em rural e ecológica e a paisagem artificial que por sua vez se divide em artística e arquitetónica. São chamadas de paisagem por já terem sofrido alterações feitas pelo homem, pois antes de ser paisagem define-se como território ou ambiente que nunca sofreu alterações. Isto apenas acontece no deserto e no mar, lugares sem construção.

Quando se constrói um novo edifício, um jardim ou uma via, altera-se a paisagem existente ou cria-se uma nova. Para criar uma nova paisagem é necessário conhecer o território, a sua geografia e topografia, trabalhar em diferentes escalas para observar a sua evolução. Para além das escalas diferentes também é necessário conhecer a história do local, uma vez que a especificidade de cada um pode implicar uma solução diferente. O território pode ter sido alterado ou influenciado pelos subúrbios da cidade, por espaços verdes ou jardins, alterações na malha e nos limites, tecnologias, transportes etc. Tudo isto pode fazer com que a paisagem de uma cidade se altere. Battle diferencia quatro tipos de paisagem influenciadas pelas alterações já referidas.



Paisagem Rural

É possível distinguir a existência de paisagens rurais e artificiais. Sendo as rurais mais próximas do estado ambiente/ território dividindo-se em agrícola e ecológica.(Batlle, 2011) A paisagem agrícola como o nome indica tem a função de produção de alimentos para a alimentação da população. No território em estudo a agricultura foi sempre a fonte de rendimento, através das Quintas que se desenvolveram ao longo dos anos. Atualmente as quintas já não têm as mesmas funções, pois a agricultura passou para a periferia das cidades, mais longe dos centros, e isto mexe com a economia das cidades. Como os tempos mudaram, também o desenho da cidade se alterou e muitas pessoas não têm tanto o hábito de plantar os seus próprios alimentos ou porque não têm espaço nos seus quintais ou porque não têm quintais. A dicotomia entre cidade e campo aumentou, mas a influência que um exerce sobre o outro prevalece. Pois a cidade contém as estruturas sociais, económicas e políticas, mas necessita de um território onde possa exercer o seu poder, o campo. Este por sua vez fornece alimento para o desenvolvimento da cidade.(Silva, 1988) Uma boa opção para a paisagem da cidade, nos espaços vazios sem atividade, são as hortas urbanas. Um espaço onde as pessoas pudessem ter a oportunidade de produzir os seus próprios alimentos. Promovia uma proximidade entre as pessoas e a terra, tornava-as autossuficientes e melhoravam o espaço público tornando-o socialmente agradável. Como acontece nas hortas urbanas em Lisboa, que se encontram a norte da 2ª Circular e ladeadas pelas Ruas Fernando Namora e Rua Prof. Jorge Campinos. Permitindo à população das cidades sem terrenos, um espaço para plantar os seus próprios alimentos.

A paisagem rural ecológica representa a capacidade de um território de se regenerar a si próprio e ter diferentes funções para a população existente. Tem uma grande conexão com a agricultura, pois o intuito é que os terrenos sejam utilizados para a agricultura, que sejam permeáveis e que ao utilizar os recursos renováveis haja retorno. Requer um urbanismo que respeite o meio ambiente, pois as espécies estão em vias de extinção devido à destruição dos

seus ecossistemas. Esta paisagem ecológica é uma consciencialização da destruição das florestas e da camada de ozono e que os recursos naturais estão a chegar ao fim. Também é possível criar uma paisagem ecológica artificial. Esta paisagem protege as existentes e recria-as nas cidades. A ideia não é copiar o existente, mas sim aproveitar a topografia, o clima, os solos etc, e adequá-los à maneira de pensar a natureza. Um parque no meio da cidade com drenagens naturais, com o ecossistema desenvolvido, protegido e estável é uma paisagem ecológica artificial. (Batlle, 2011)

Paisagem Artificial

A paisagem artificial como o nome indica sofreu muito mais alterações que as restantes e divide-se de acordo com Batlle em artística e arquitetónica. A primeira tem uma ligação com a arquitetura paisagista que altera e cria novas faunas e floras, de forma a desenhar jardins, parques e espaços públicos. Esta definição de paisagem está associada a jardins românticos tais como os jardins do Palácio de Versailles em Paris, desenhados por André Le Nôtre para deleite do Rei Luis XIV e da corte, demonstrando apenas a expansão do poder real e onde o povo não tinha o direito de conhecer.(Batlle, 2011) Este desenho de uma nova paisagem também acontece na paisagem ecológica artificial, mas a diferença é que na ecológica como o nome indica o ecossistema tem de se regenerar e reorganizar a si próprio. Já na paisagem como forma de arte é o homem que a organiza e geometriza como forma de mostrar a sua posição sobre a natureza, molda e manipula à sua escala e riqueza. Os jardins são elementos referenciados na mitologia grega como o Jardim de Hespérides, referenciado na obra de Burle Marx (1909-1994), ou o Jardim da Babilónia. Que tal como os Deuses eram perfeitos, simbolizando assim que também a Natureza seria perfeita e que se desenvolvia nestes jardins de forma harmoniosa entre as cores e os animais. Segundo o autor todos os jardins que se desenham dependem da topografia, da localização, da cultura e da história. Utiliza os jardins Zen Japoneses para fortalecer a sua ideia pois são os que melhor mostram a cultura do país.

(Marx, 2018) São artificiais compostos por pedras e desenhos na terra com algumas plantas de pequeno porte e desta forma mostram o equilíbrio da sua cultura.

O último tipo de paisagem define-se por Batlle como arquitetónica. Ligada à construção que neste caso se funde com a paisagem ou território. Ou seja, nas outras formas de paisagem a natureza apenas interagia com ela própria, neste caso a construção também entra na equação. A natureza tanto pode estar dentro da arquitetura como acontece na Estufa-Fria em Lisboa, onde a estrutura a protege dos ataques exteriores e condições adversas. Como pode acontecer o contrário onde a construção se funde com a paisagem, tal como a Casa Malaparte e a Casa da Cascata. (Batlle, 2011) Estas duas obras fundem-se com o território, a primeira encontra-se isolada sobre um penhasco na Ilha de Capri em Itália, com uma cor impactante, mas que sobressai e ao mesmo tempo se funde com o desenho da linha do horizonte. A segunda obra esconde-se por entre as rochas e as árvores através da escolha dos materiais que ajudam a camuflar com a fauna e flora. O intuito para além desta camuflagem também foi a integração com a cascata que por ali passa.

Estes exemplos têm o intuito de fundir a paisagem com a arquitetura para que se percam uma na outra como se estivessem camufladas, mas o contraste continua a existir pois os dois são feitos de matérias diferentes e incompatíveis. O próximo passo poderia ser o de tentar criar uma paisagem arquitetónica ecológica, que juntasse três parâmetros e tomasse atenção aos materiais utilizados, à implantação e que fizesse o mínimo de intervenção possível.

Reintegração de Ribeira de Sasseiros em Espaço Urbano Consolidado

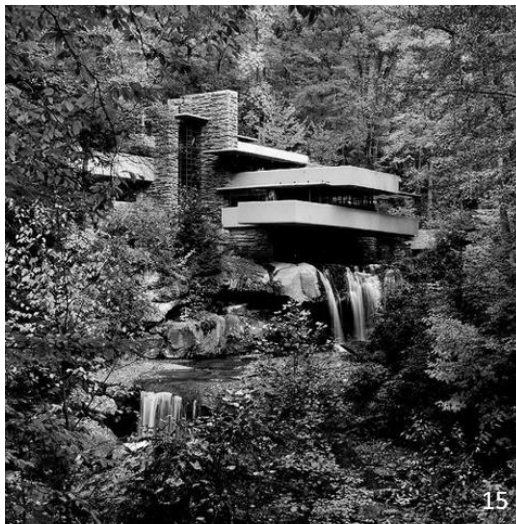


Figura 11 – Palácio de Versailles, Paris, França

Figura 12 – Casa Malaparte, Cápri, Itália

Figura 13 – Hortas Urbanas, Lisboa

Figura 14 – Deserto

Figura 15 – Casa da Cascata, Pennsylvania, E.U.A.

Natureza

Para que estes tipos de paisagem sejam possíveis o elemento natural é o que permite estas fusões. Burle Marx critica o desenvolvimento das cidades que aconteceram de forma desmedida e que este elemento de conexão está a ser destruído para dar lugar a hospitais, escolas, bibliotecas ou até mesmo para serem vendidos como um pedaço de terra sem importância. Afirmar que os arquitetos e os paisagistas são os primeiros a terem de tomar a consciência e as decisões para alterarem os pensamentos da sociedade, para que não se destrua um bem comum (Marx, 2018). Felizmente, tem-se vindo a tomar maior consciência da importância dos espaços verdes e de lazer integrados nas cidades, que funcionam como forma de escape e de quebrar o crescimento vertical, permitindo de novo o crescimento horizontal (de corredores ecológicos). A renaturalização do território é uma grande transformação tanto para a sociedade como para a malha urbana, que beneficiam com estas melhorias. Para que este processo de renaturalização continue em curso o próximo passo seria o de retroceder ou abrandar a construção nas cidades. Não que se parasse a construção, mas que a existência de espaços públicos e verdes se tornasse evidente de forma a alcançar o mesmo ritmo e área de ocupação no território. Ficando assim equilibrados, visto que é importante para o bem-estar ambiental. Permitindo o aumento de espaços públicos e de lazer, a melhoria do ecossistema e da biodiversidade.

Tal como Marx, Gordon Cullen (1914-1994) na sua obra The Concise Townscape afirma que a arquitetura e a natureza (Landscape) estão cada vez mais próximos. Pois os arquitetos têm a necessidade de utilizar pedra natural, mosaicos e de colocar árvores e plantas junto aos edifícios e no seu interior. (Cullen, 2006) Mas isto não significa que a arquitetura esteja a pensar bem na fusão com a natureza. Pois não basta utilizar pedra natural num edifício, colocar plantas no seu interior e exterior para haver uma fusão e harmonia entre as duas partes. Esta fusão deveria ser feita com o intuito ecológico onde haveria preocupação com os materiais utilizados. Pois pode-se colocar pedra natural num edifício, mas se essa pedra

Reintegração de Ribeira de Sasseiros em Espaço Urbano Consolidado

não pertencer a essa região ou parte do mundo implica a utilização de muita energia para a transportar e por sua vez para a construção do edifício, deixando de ser ecológico. Pois a ecologia consiste em relacionar os seres vivos e as matérias com o seu ambiente. No caso de a arquitetura utilizar os materiais existentes em cada lugar de forma a não utilizar mais energia do que a necessária.

Elementos Naturais

William H. Whyte (1917-1999) conseguiu estudar o comportamento das pessoas e as suas interações com os elementos naturais (sol, água, sombra, árvores, vento etc.) e com as ruínas de comida, colocando câmaras numa praça. Ao observar a movimentação das pessoas, para além de perceber como elas se comportam a nível social, também percebeu que observar, sentir e tocar na água as deixa mais calmas e torna o espaço mais harmonioso. As pessoas sentam-se ao sol e afastam-se das esquinas e cruzamentos por serem lugares ventosos. Nos parques as árvores têm posicionamentos estratégicos e o dimensionamento das suas copas deve ser pensado para que o espaço seja confortável. (Whyte, 2001)

Também Collun defende que as árvores são importantes esteticamente para a vivência de um espaço e têm diferentes características: promovem o bem-estar de quem lá vive, o sombreamento, a tela, as linhas, a geometria, o efeito de mobília e, do ponto de vista estético a escultura. A primeira característica que se consegue observar é a sombra que projetam sobre um edifício ou solo, o efeito de tela só acontece se existir sombreamento pois acontece quando as folhas fazem parte do mesmo enquadramento que do edifício e possibilitam assim formar uma espécie de papel de parede. As linhas observam-se no inverno quando o edifício se encontra rodeado de árvores de folha caduca. (Cullen, 2006) O projeto The Farnsworth House (1951) de Ludwig Mies Van der Rohe, apresenta estas três características. Situa-se no Plano Illinois, nos Estados Unidos da América, onde no meio de um bosque o arquiteto constrói uma pequena casa toda em vidro e metal. Rodeada apenas por árvores que permitem o seu sombreamento em dias de sol, criam a ideia de papel de parede nos vidros e têm a particularidade de as árvores serem de folha caduca o que dá linhas diferentes ao projeto no inverno e no verão pois fazem parte do mesmo enquadramento. A geometria é outra das características que destacam a importância das árvores. Neste caso não são os jardins geométricos mas sim a arquitetura da planta que é relevante, a sua variedade e biodiversidade é que transforma o sítio. O efeito de mobília pode acontecer em paredes cegas, permitindo

criar uma barreira visual ou sonora. Por fim a característica mais estética de todas, a utilização das árvores como ponto escultórico ou referencial de um lugar. Como acontece no projeto do arquiteto Eduardo Souto Moura para a Bienal de Veneza em 2018, com o projeto Capela para o Vaticano. Onde todo o projeto se focou numa árvore existente no território e que de forma escultórica definiu todo o projeto. A árvore definiu a entrada e a luminosidade no interior do projeto. Tornando-se assim o ponto fulcral e condicionante para o desenvolvimento da obra.



Figura 16 - Casa Farnsworth, Plano Illinois no inverno, efeito linhas

Figura 17 - Casa Farnsworth, Plano Illinois no verão, efeito sombreamento

Figura 18 - Capela para o Vaticano, Veneza, efeito escultura

Lugar

A cidade é feita de lugares. No livro de Marc Augé (1935) Não-Lugares esta definição é dissecada de forma a perceber que existem lugares que têm vida e não-lugares que são o oposto.

“O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente.”
(Augé, 2012)

O lugar contém história, é palpável e passa a chamar-se espaço quando tem pessoas e se torna habitável. Como não é apagado mesmo não tendo pessoas continua a ser um lugar que faz parte da cidade. O não-lugar, para Augé é o oposto, são as partes negativas do lugar, tais como os transportes públicos, os carros, os hospitais, os supermercados que apenas existem para servir, pois não podem ser habitados. Os lugares tais como a casa, o parque etc, permitem uma interação social, são definidos pela personalidade de cada um e também ajudam a construir personalidades, já os não-lugares tornam as pessoas mais competitivas, nos transportes a ansiedade de chegar mais rápido a cada sítio, no comércio a vontade de ganhar mais e mais dinheiro. Promovendo uma ação negativa na sociedade. Um lugar vai sempre ser um lugar e se tiver pessoas passa a ser um espaço, daí o nome espaço público pois é um lugar no meio da cidade com o carácter social pois promove a interação entre pessoas, já um não-lugar, para o autor, impede o desenvolvimento pessoal e social trazendo elementos negativos de competitividade e individualismo para o lugar. É na cidade que os dois se misturam, uma cidade tem não-lugares a atravessarem lugares. (Augé, 2012)

Um dos exemplos que estudamos, a intervenção do programa Polis no Cacém, nasceu de uma crítica ao funcionamento do local, propondo assim criar acessos ao centro, espaços

públicos e melhoria da circulação automóvel. Para resolver este problema o gabinete responsável pelo projeto desenhou em torno da ribeira das Jardas diversos atravessamentos, criaram espaço verde público, que se desenvolve numa cota mais baixa, permitiram o atravessamento dos carros, e em todo o seu percurso encontra-se ladeada por escolas, comércio e uma estação de comboios. (Dias, 2003) Tudo isto dá vida à cidade, o objetivo não é apenas ter lugares ou não-lugares o ideal é que ambos se cruzem e que se algum superar o outro que sejam os lugares.

Se os lugares não deixam de existir é porque não perdem a sua identidade, já os não-lugares não têm identidade. Mas se um lugar se alterar muito pode perder o seu “ponto ômega” e desaparecer como explica Juan Pallasma (1936) ao relatar a história de um homem que viaja e perde as suas raízes, esquece a família, de onde vem e para onde vai. Perdido e sem identidade acaba por voltar a casa, mas sem (re)conhecer nada acaba por voltar a casa, casando com a própria filha. (Pallasmaa, 2018) Isto pode acontecer a um lugar quando se torna num não-lugar, quando as terras são vendidas ou transformadas e o lugar perde o seu espaço, ou seja, é o homem que lhe dá personalidade e acaba por não haver maneira de restaurar a sua identidade.



Limites

A cidade encontra-se dividida e ao mesmo tempo está unida através dos limites que estão definidos para organizar a sua malha. Os limites têm duas funções nas cidades. Podem ser um tecido permeável que junta dois espaços ou servir de divisão de dois tecidos completamente diferentes. Podem ser as linhas de caminho-de-ferro, paredes, linhas de água. Segundo Kevin Lynch (1918-1984), na sua obra A Imagem da Cidade, o autor divide o desenho da cidade em 5 tipos de elementos. Em primeiro lugar coloca as vias que delimitam e desenham a malha, além de orientarem desenham o limite exterior do lote definindo os quarteirões. Em segundo lugar coloca os limites, seguidos pelos bairros, cruzamentos e pontos marcantes. Neste capítulo irei focar-me nos limites que foram colocados em segundo lugar pelo autor. Nasceram através do desenho das vias e por sua vez dão origem aos lotes no interior dos quarteirões, que são um misto de público com privado “*São as fronteiras entre duas partes,...*” (Lynch, 1960). Podendo existir vários lotes dentro do quarteirão que se definem como espaço público, jardins, praças e parques ou como edifícios que pertencem ao terceiro limite novamente divididos entre público e privado. Os edifícios públicos como hospitais, centros comerciais e parques de estacionamento são diferentes de uma habitação que é privada, pois podem relacionar-se com o espaço para além do lote, misturam-se com a rua, criam espaços e em vez de se fecharem em muros abrem-se criando espaço público. Todos estes elementos dividem o espaço, mas se se tornarem atravessáveis o limite torna-se apenas visual e os espaços continuam unidos. (Lynch, 1960)

Um muro ou parede são limites que separam dois espaços, se esse for o intuito e a sua função, mas se esse muro ou parede se tornar habitável estes elementos passam a ter duas funções a de agregar e separar. Tal como acontece na obra Ciudadela Cultural em Logroño, uma costura entre as malhas, projetado pelos arquitetos Mansilla e Tuñon, onde se verifica a função de limite na cidade. O pretendido neste projeto foi juntar a história do local com a cidade e a natureza. A ideia foi que as pessoas poderiam ter contacto com a história do local através

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

de um centro cultural que se tornou num muro habitado e que permite o atravessamento da cidade para o parque e o rio. Quando se olha sem se percorrer o espaço parece que se acrescentou um novo limite, mas na verdade é ele que conecta os dois espaços. (Schachter, 2003)



Figura 20 – Ciudadela Cultural, Logroño, Vivência sobre o limite

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

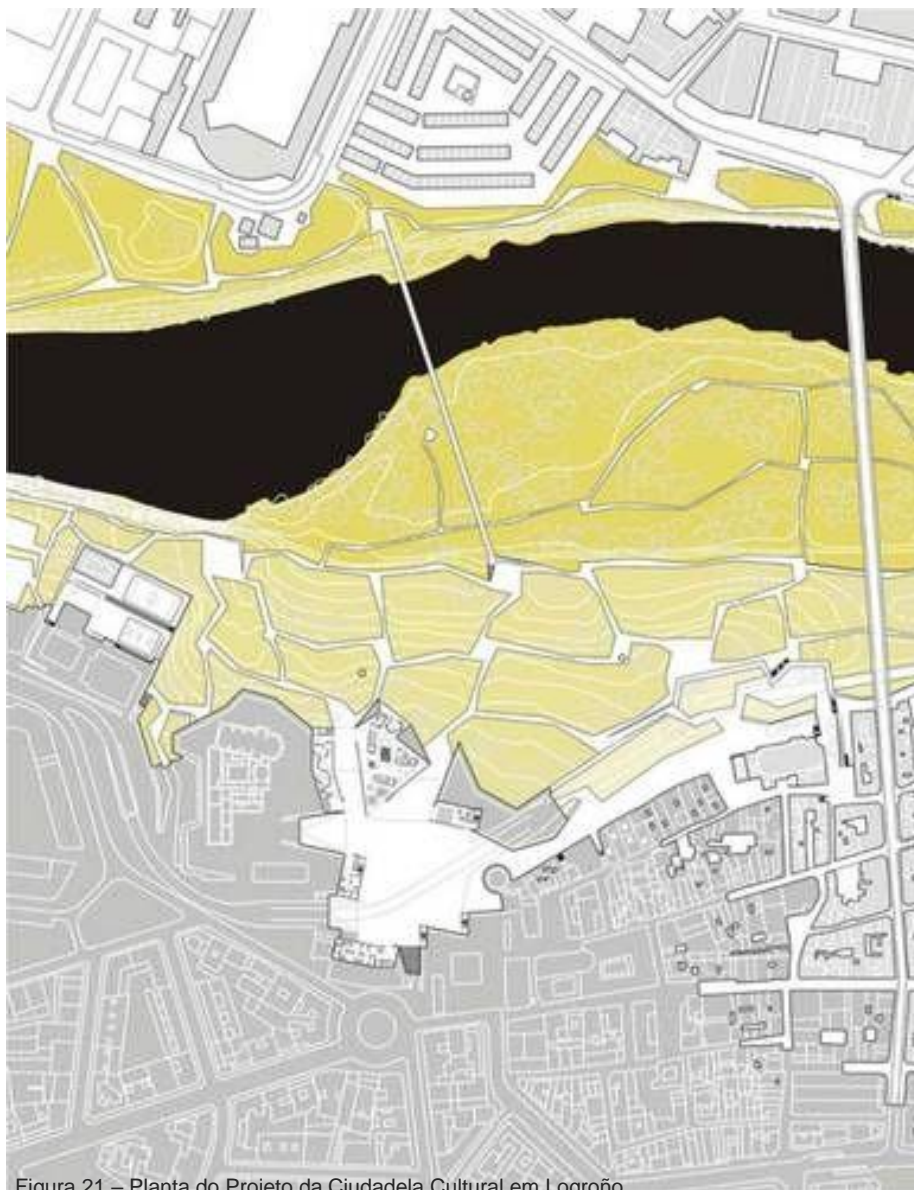
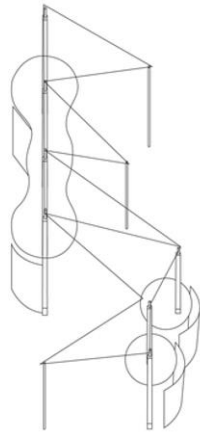


Figura 21 – Planta do Projeto da Ciudadela Cultural em Logroño

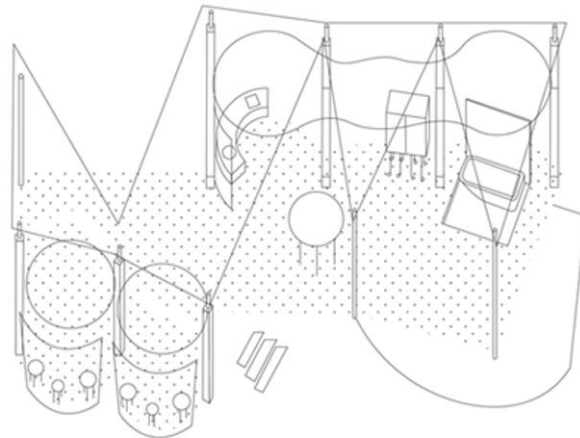
O limite tem como função organizar os espaços separando-os e sectorizando-os em diferentes partes da cidade. Agrega no seu interior diferentes elementos como por exemplo um bairro é um limite da cidade, mas no seu interior é composto por vias, praças, vazios e edifícios, todos eles juntos formam uma malha composta de limites. O limite também tem a função de agregar os vazios da cidade. A palavra, vazio remete para pensamentos de espaço, onde nada existe, onde nada acontece, um lugar despovoado. No caso da cidade existem vazios e vazios urbanos. A grande diferença entre os dois é que os vazios identificam-se como praças, parques e espaços verdes que promovem a interação social da população. Servem como pontos de encontro que permitem escapar à desordem e ao excesso de construção suspendendo o tempo e permitindo também a utilização de toda a extensão do território da cidade. Os vazios urbanos por sua vez também pertencem à cidade mas não trazem nada de novo para a vida social. Ou seja, podem ser edifícios que se encontram em decadência, casas devolutas e até terrenos baldios, que apenas a passagem pelas ruas não permite perceber o vazio interior. Pois fisicamente estão a utilizar território da cidade, mas em nada contribuem para o desenvolvimento social, económico ou ambiental. (Santos, 2018) As cidades e territórios são construídos através da sobreposição do tempo e do espaço. Que cria histórias, permite a construção e reconstrução. Assim sendo a cidade está constantemente em alteração e o seu primeiro limite depois de consolidado já não mais se altera, mas o seu interior pode ser redesenhado. Os lotes podem dividir-se ou agrupar-se no interior do quarteirão e os edifícios podem ser reabilitados ou demolidos e dar a oportunidade para criar espaço público.

Os limites podem servir para separar ou para unir. A arquiteta Kazuyo Sejima (1956) procura a permeabilidade do espaço interior para o exterior sem que os limites do espaço o impeçam. (Lobão, 2016) Numa conferência em Lisboa a arquiteta referenciou que tentou resolver o limite interior (espaço de atividades), exterior (o que o rodeia) não só fisicamente através da arquitetura como também socialmente, para perceber quais os limites pessoais de cada um. Através da arquitetura colocou em prática três experiências, com a estrutura, com a textura e com a transparência. O primeiro projeto no qual se observa estas tentativas foi no Platform I, mas foi com o projeto Platform II, que a experiência resultou melhor pois, os objetos no terreno não tinham orientação concreta e assim as pessoas podiam atravessar o projeto de uma ponta à outra. (Taki, 1996) Neste caso baseou-se no trabalho com a estrutura e as texturas do projeto para quebrar o limite. A transparência foi utilizada nos projetos Museum of Art's Glass em Toledo e no 21st Century Museum em Kanazawa, onde mostra a intensão de não separar o interior do exterior, permitir que as pessoas tenham uma continuidade de espaço quando estão no interior dos museus possam observar também o seu exterior. Atualmente a arquiteta não acredita que a transparência resolva a solução do limite interior exterior, e que também não seja como no Platform I, algo que as pessoas atravessem. É necessário que o projeto tenha mais substância e força, afirma. (Taki, 1996)

Reintegração de Ribeira de Sasseiros em Espaço Urbano Consolidado



22



23



24



25

Figura 22 – Platform I, Japão

Figura 23 – Platform II, Japão

Figura 24 – 21st Century
Museum, Japão

Figura 25 – Museum of Arts
Glass, Toledo, E.U.A.

4

Proposta

Corredor Verde de S. Domingos de Rana

Vertente Prática

Proposta

Introdução

Como ponto de partida o concelho de Cascais, as freguesias de Carcavelos e de S. Domingos de Rana, o território em estudo situa-se entre as Ribeiras da Laje e de Caparide. Mais precisamente todo o percurso realizado pela Ribeira de Sasseiros.

Desde logo se manifestou um grande interesse pelo percurso feito pelas linhas de água neste território, pela sua importância no desenvolvimento do mesmo. Quando se observa este território pode-se perceber que o homem o trabalhou e transformou de forma a extrair os bens necessários para a sua sobrevivência ao longo dos anos. Ou seja, estes territórios eram uma mais-valia para o desenvolvimento da agricultura, da vinha e da extração de pedra. Atualmente grande parte deste território encontra-se esquecido, as quintas que existiram não mais se encontram em funcionamento, os seus limites desapareceram e deram lugar a novas construções que permitiram o desenvolvimento da cidade e outros apenas se tornaram terrenos baldios sem qualquer função ou melhoria para a expansão do território. Como as necessidades e os tempos não são os mesmos, as evoluções tecnológicas associadas à necessidade de percorrer o espaço de forma mais rápida levou à construção de linhas de caminho-de-ferro, de uma estrada marginal junto ao mar e da A5 que liga Lisboa ao Concelho de Cascais. Estas três infraestruturas sectorizaram o território em três, e criaram (novos) limites visuais e físicos.

Esta evolução trouxe benefícios ao facilitar as comunicações entre concelhos, mas acabou por criar barreiras dentro do próprio concelho. O que outrora fora uma prioridade para a sua evolução está agora esquecido e quase a desaparecer. Falo das ribeiras, que promoveram a agricultura e a vinha com solos férteis e permitiam o escoamento das águas pelos seus terrenos, tornando-os alagáveis, para seguirem o seu curso natural até ao mar, para que não houvessem inundações.

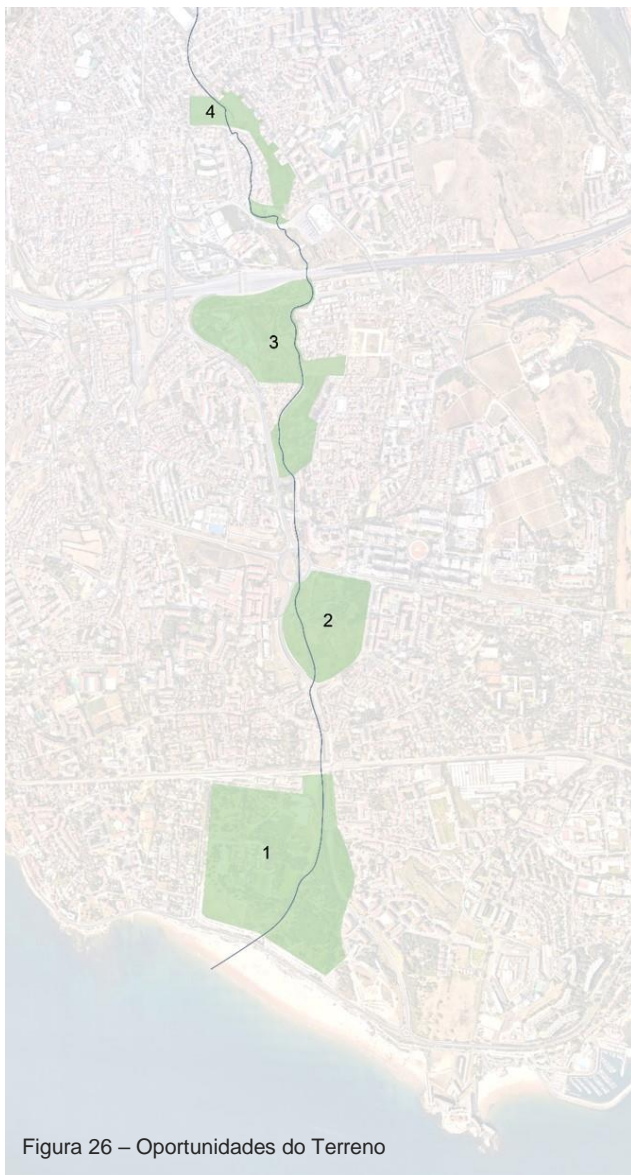


Figura 26 – Oportunidades do Terreno

Atualmente as ribeiras deste concelho tem pouco ou nenhum espaço para que o seu desenho no território seja relevante para o seu desenvolvimento. Atravessam zonas de muito edificado e em que grande parte é ilegal pois a sua construção se encontra sobre o leito de cheia.

Escolha do terreno

Apesar do território em estudo ser toda a extensão da Ribeira de Sassoeiros e as quintas adjacentes à mesma, a proposta começou por dividir os espaços verdes ao longo da ribeira que pudessem ser vistos como oportunidades para melhorar a vivência do concelho e das pessoas. Nesta escolha encontram-se quatro terrenos. O primeiro pertence à Quinta dos Ingleses (1), mais a sul do território, o segundo grande terreno aberto pertencia à antiga Quinta do Barão (2), o terceiro à Quinta dos Gafanhotos (3) e por último o terreno baldio situado em S. Domingos de Rana (4). A questão

que se colocou foi, qual seria o terreno que mais necessitaria de intervenção tendo em conta as características e as suas necessidades ambientais, sociais e económicas?

Tendo em conta a evolução histórica deste território a zona a sul sempre foi a mais rica, tanto em agricultura como em produção de vinhos. Já a zona norte ficou esquecida, tendo função de dormitório. Portanto a Quinta dos Ingleses, encontra-se bem integrada na cidade com um espaço verde tratado e com propostas pelo Atelier JAA, em desenvolvimento. A Quinta do Barão também tem propostas para recuperação do Palacete. O terreno da Quinta dos Gafanhotos tem propostas de atravessamentos pela Câmara Municipal de Cascais e extensão do bairro adjacente.

Apenas o terreno em S. Domingos de Rana permanece esquecido. Sempre se destacou no meio da malha urbana da cidade, não pela sua importância para o seu desenvolvimento, mas sim pelo vazio que sempre desenhou no território. Recorrendo às cartas militares pode-se perceber que nem foi quinta, nem pedreira.

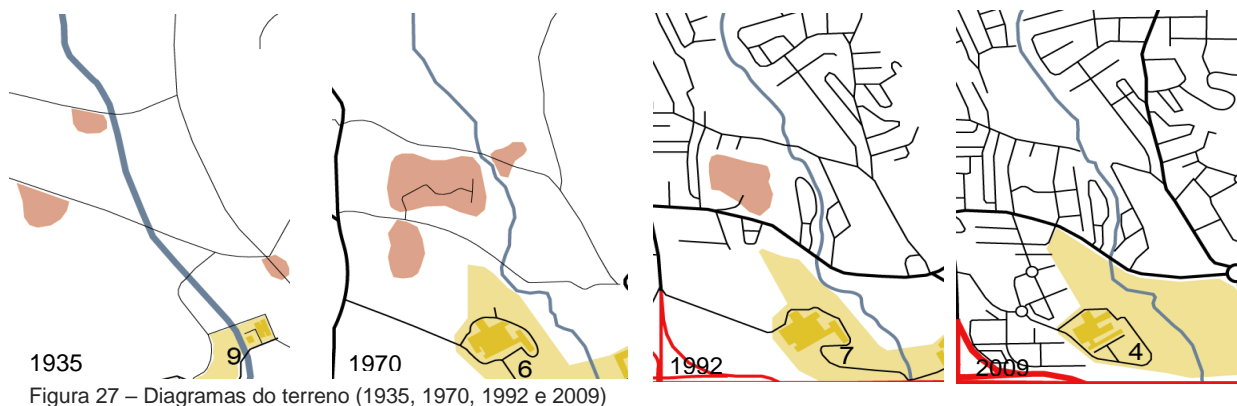




Figura 28 – Fotografia do terreno, Percurso Pedonal existente



Figura 29 – Fotografia do terreno, vegetação existente



Figura 30 – Fotografia do terreno, Ribeira e Canaviais



Figura 31 – Fotografia do terreno, Atravessamento sobre a ribeira

Análise do terreno

Após a escolha do terreno, situado a norte da Autoestrada A5, em S. Domingos de Rana, foi necessário realizar uma análise em grupo mais aproximada. Para perceber quais os problemas e as necessidades deste território para além do seu isolamento. Escolheu-se uma área retangular em torno do terreno para desta forma analisar a linha de água e os limites de cheia, os verdes baldios e urbanos, as vias e os limites das quintas, os serviços, comércios e educação, a estrutura ecológica urbana e a área urbana de génese ilegal. Tudo isto para perceber quais as forças e fraquezas do território para que pudessem ser melhoradas com a oportunidade que são o terreno baldio e a ribeira.

Após este estudo marcado pela crítica ao desenvolvimento do território e no que se tornou, num dormitório com diversas dificuldades e limites que impedem o seu desenvolvimento. A escassez de comércio, serviços e educação, a falta de espaço público mostram um território pobre mas que ainda tem possibilidade de se desenvolver. A sua estrutura ecológica e génese ilegal mostram a falta de senso comum no seu desenho. Pois os dois sobrepostos cruzam-se mas nos momentos errados. Se a construção e paisagem trabalhassem em conjunto o território poderia ser mais rico. Mas o facto de a construção ilegal se situar sobre o leito de cheia impede o desenvolvimento da estrutura ecológica. Isto acontece pela falta de limites, sem quintas ou pedreiras a construção pode-se apropriar de qualquer parte do território.

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

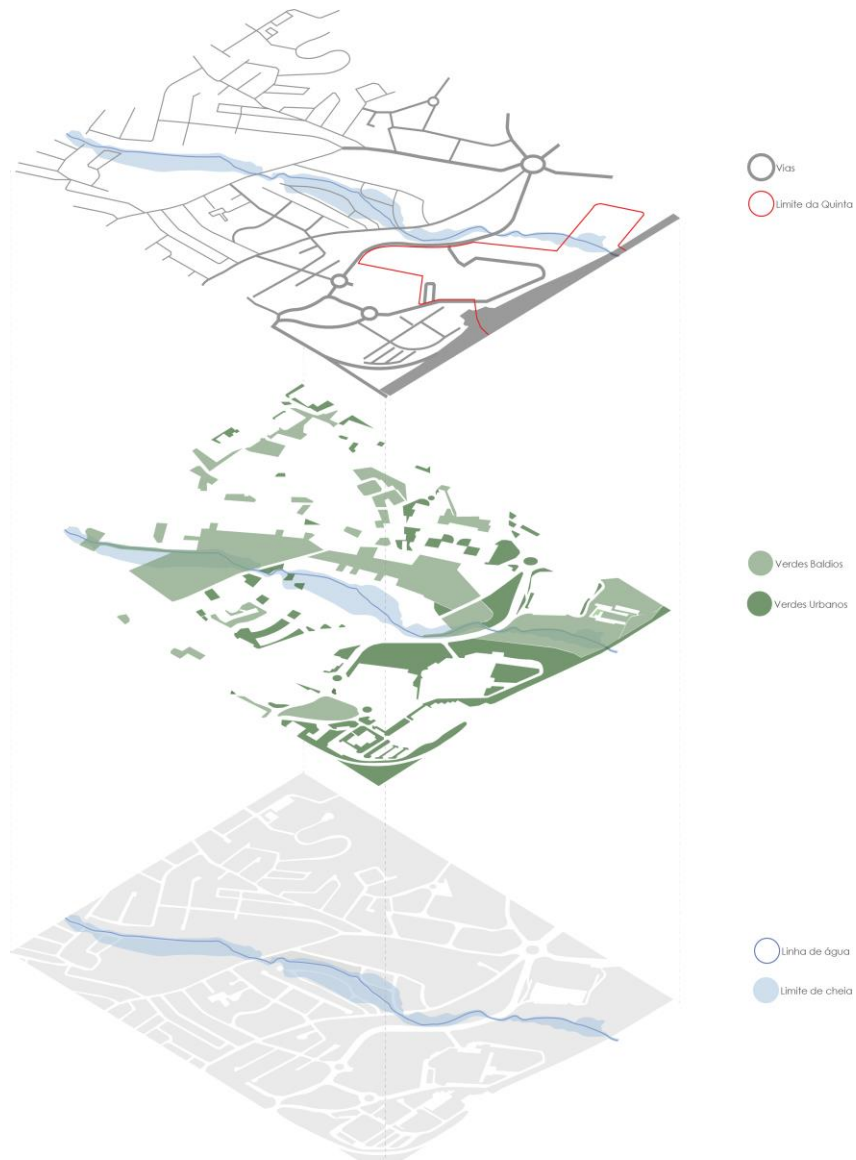


Figura 32 – Diagramas de Análise do Terreno (Linha de água, Verdes e Vias)

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado



Figura 33 – Diagramas de Análise do Terreno (Serviços, Estrutura Ecológica e Gênese Illegal)

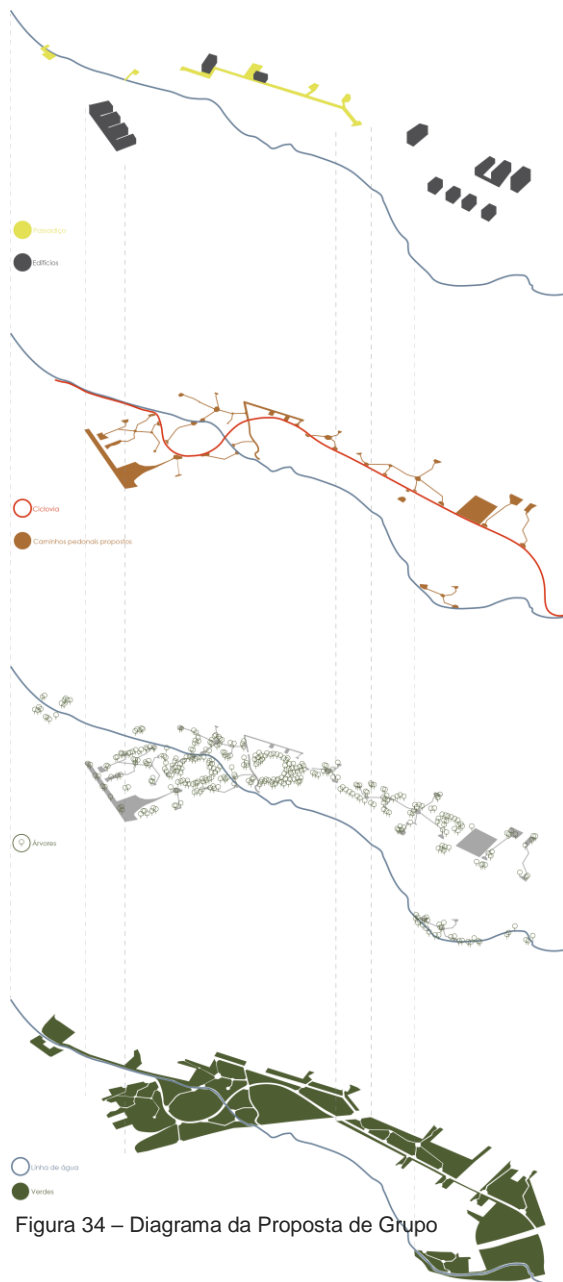


Figura 34 – Diagrama da Proposta de Grupo

Corredor Verde de S. Domingos de Rana

A base desta proposta iniciada em grupo foi de criar um jardim público que pertencesse a um sistema de espaços livres e a criação de uma paisagem híbrida que buscam garantir a sustentabilidade do espaço.

O objetivo da proposta seria o de criar um espaço público que permitisse às pessoas do concelho e principalmente a esta zona de dormitório usufruir do mesmo. Tendo como ponto fulcral a Ribeira de Sassoeiros, respeitando o seu percurso e limite de cheia, para regenerar esta linha de água. A recuperação das galerias ripícolas como forma de regenerar e proteger o ecossistema enfraquecido, devido à sua má manutenção. Assim sendo com a intenção de respeitar e proteger ao máximo os elementos naturais. A intenção em termos de construção seria a mínima possível, de forma a não alterar as curvas de nível para que os ecossistemas existentes continuassem o seu desenvolvimento.

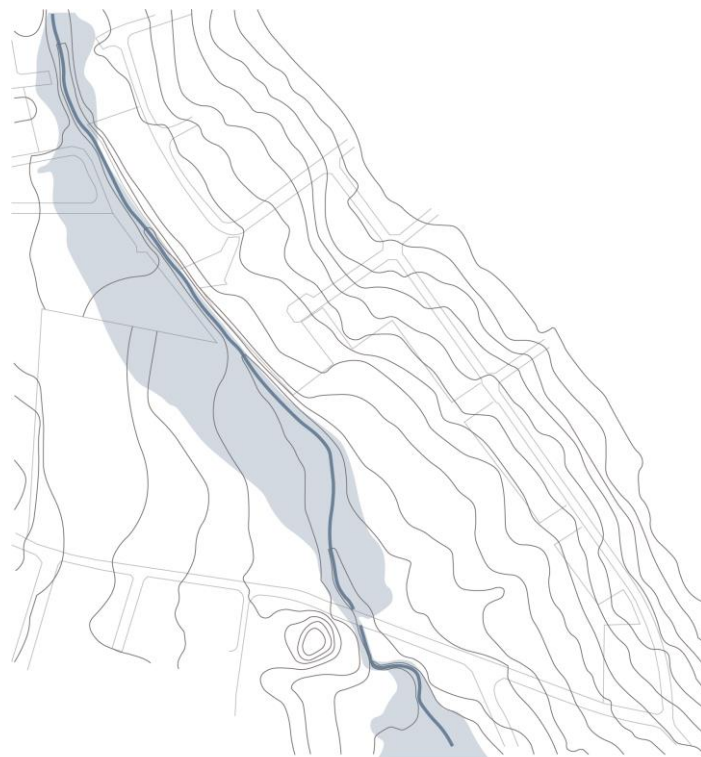
Para além de mexer o mínimo possível com a topografia do terreno, o objetivo foi o de cozer a malha existente com o proposto. Para que desta maneira não voltasse a existir um limite entre os dois espaços. Partindo do princípio que os limites não têm a função de barreira, mas sim de união, propõe-se coser a malha existente com o espaço público através de um passadiço, que agarra todas as entradas do parque e que conduz as pessoas até ao seu interior. Deste passadiço desenvolvem-se dois pequenos edifícios. O primeiro situado mais a norte do terreno consiste num espaço de Arts and Crafts com um pequeno espaço de leitura, que permite às pessoas passarem os seus dias. O segundo edifício é um pequeno café com explanada exterior com vista e conexão para o resto do parque.

No local também existe um parque infantil, mas sem dimensão nem presença no lugar, deixado assim ao abandono pela população. Uma parte da proposta passa também por refazer um parque infantil que se inicia numa das entradas onde o anterior se encontrava e que depois se estende para o interior do parque. Intercalado com hortas urbanas que ajudam a trazer vida ao recinto, não só com as pessoas como também com a variedade de espécies que irá proporcionar. Estas hortas serão apoiadas por armário/ cacifo situado por baixo do passadiço, para que as pessoas possam guardar as suas ferramentas agrícolas.

Para além da plataforma também se propõe uma ciclovia que acompanha a ribeira no seu percurso. Esta ciclovia permite criar diferentes ambientes. É com as suas curvas que ajuda a desenhar espaços de clareira, rodeada por zonas densas arbóreas. Criam-se zonas de estar e zonas frescas junto à ribeira proporcionadas pela sombra das árvores e pela linha de água.

O benéfico nesta proposta é o facto de poder ampliar o espaço por onde passa a ribeira de forma a criar um espaço livre e orgânico. Permite a sua regeneração e volta a dar vida a esta zona de dormitório. Proporciona uma nova zona de estar a que todas as pessoas têm direito e o dever de preservar. Onde famílias podem passear, tratar das suas hortas, onde as crianças podem brincar.

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado



Topografia e Linha de Água

- Linha de água
- Limite de Cheia
- Curvas de Nivel

Figura 35 – Diagrama, Topografia e Linha de água

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado



Estrutura Arbórea

- Árvores existentes a manter
- Árvores Propostas
- Galeria Ripícola

Figura 36 – Diagrama da Estrutura Arbórea

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

Os materiais utilizados para a construção da proposta, também foram pensados para interferir o mínimo possível com o ambiente em questão. Por isso para a construção do passadiço e dos atravessamentos sobre a ribeira, o material escolhido foi a madeira e para os edifícios CLT – *Cross Laminated Timber*. Para a ciclovia o objetivo seria que o material escolhido fosse permeável, assim sendo escolheu-se a *terraway* e para os caminhos propostos ao longo do parque propõe-se saibro/ terra batida.

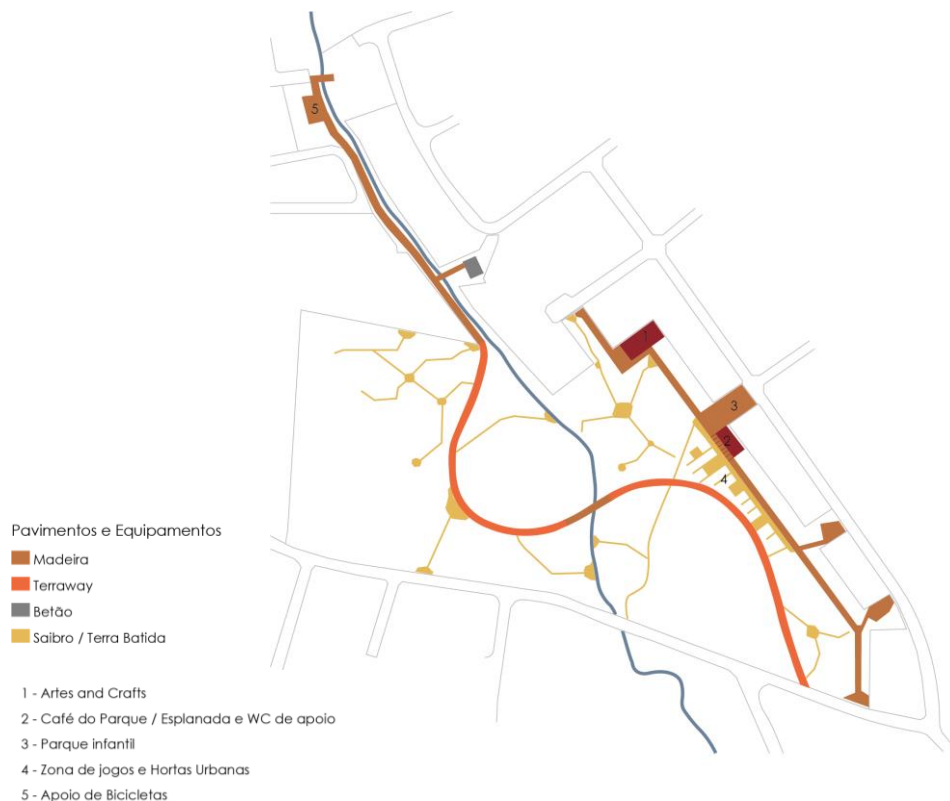


Figura 37 – Diagrama de Pavimentos e Equipamentos

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

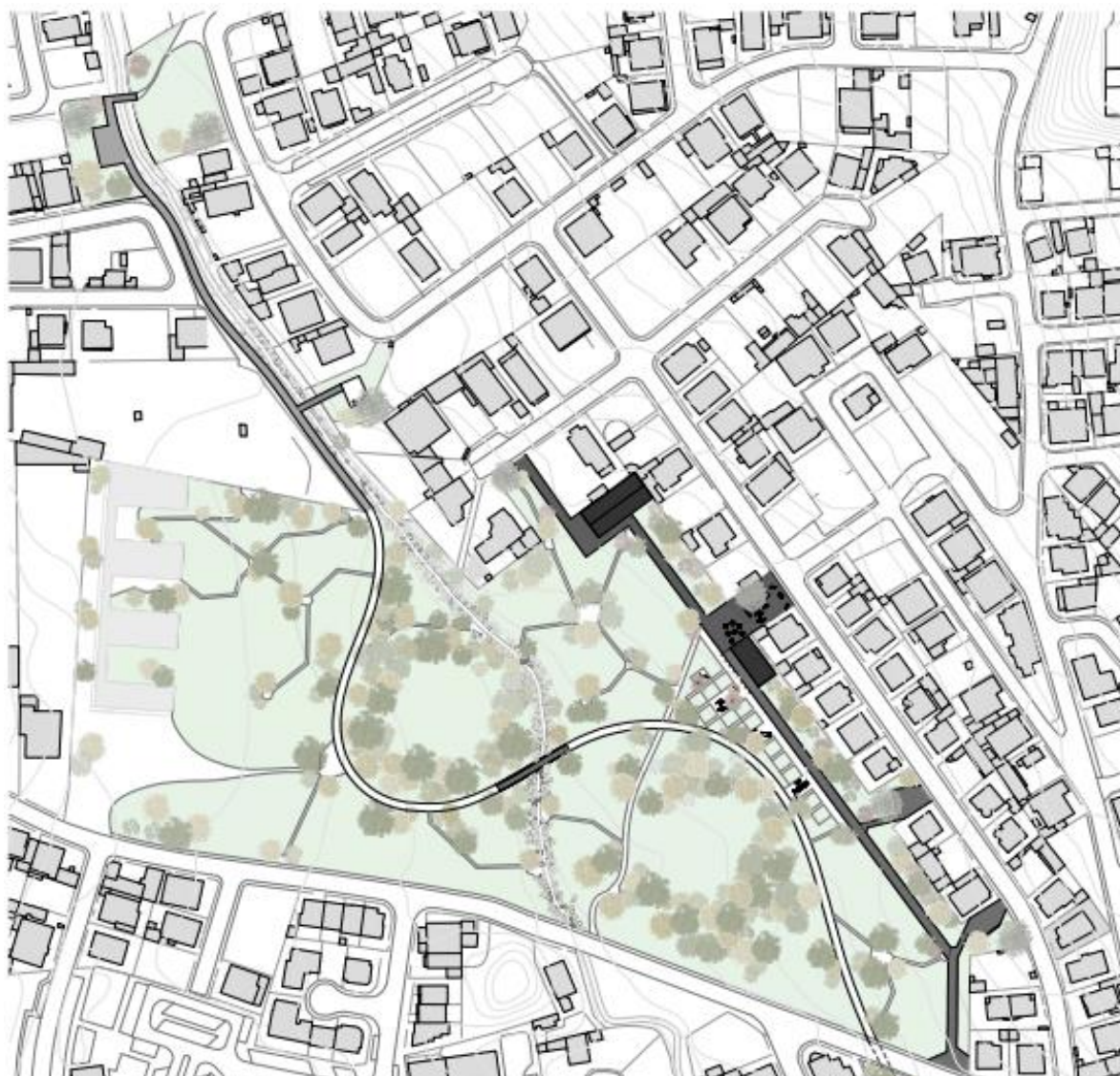


Figura 38 – Planta de Implantação (redução da escala 1/1000)



Figura 39 – Planta de Implantação à cota 87 (redução da escala 1/1000)

Edifício 1

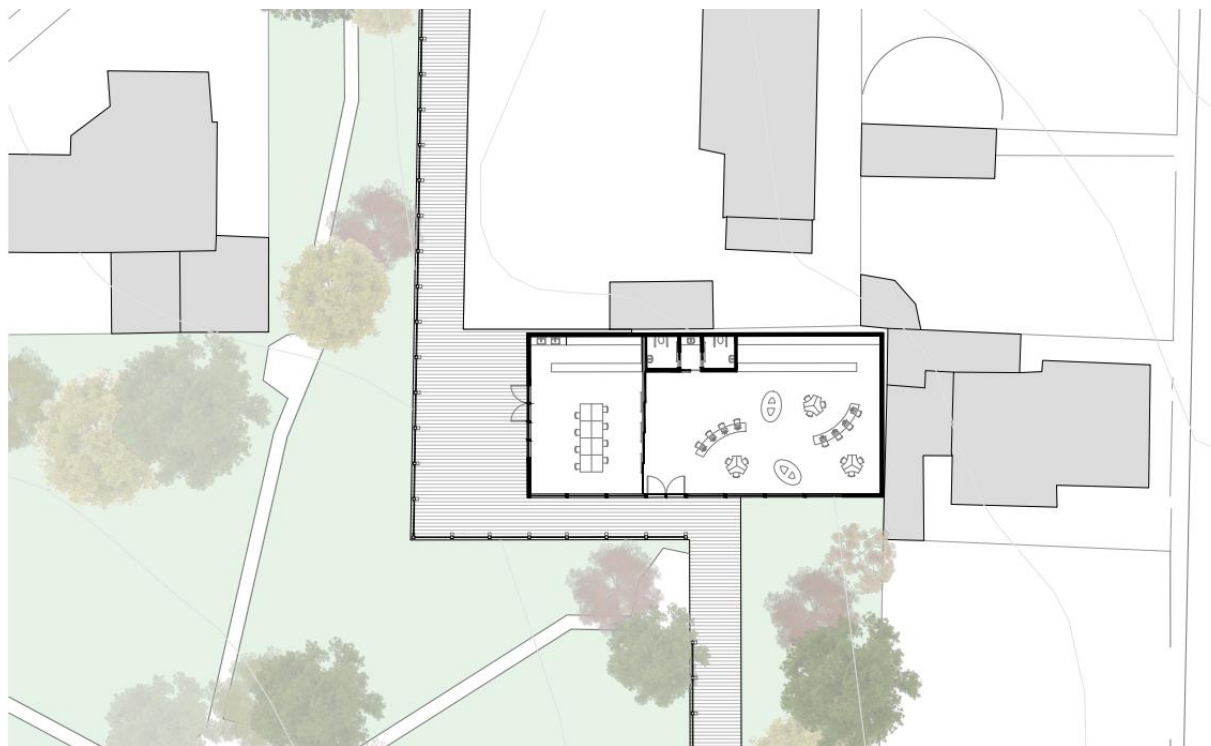


Figura 40 – Planta Edifício 1 (redução da escala 1/200)

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado



Figura 41 – Corte Perspetivado (redução da escala 1/50)

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

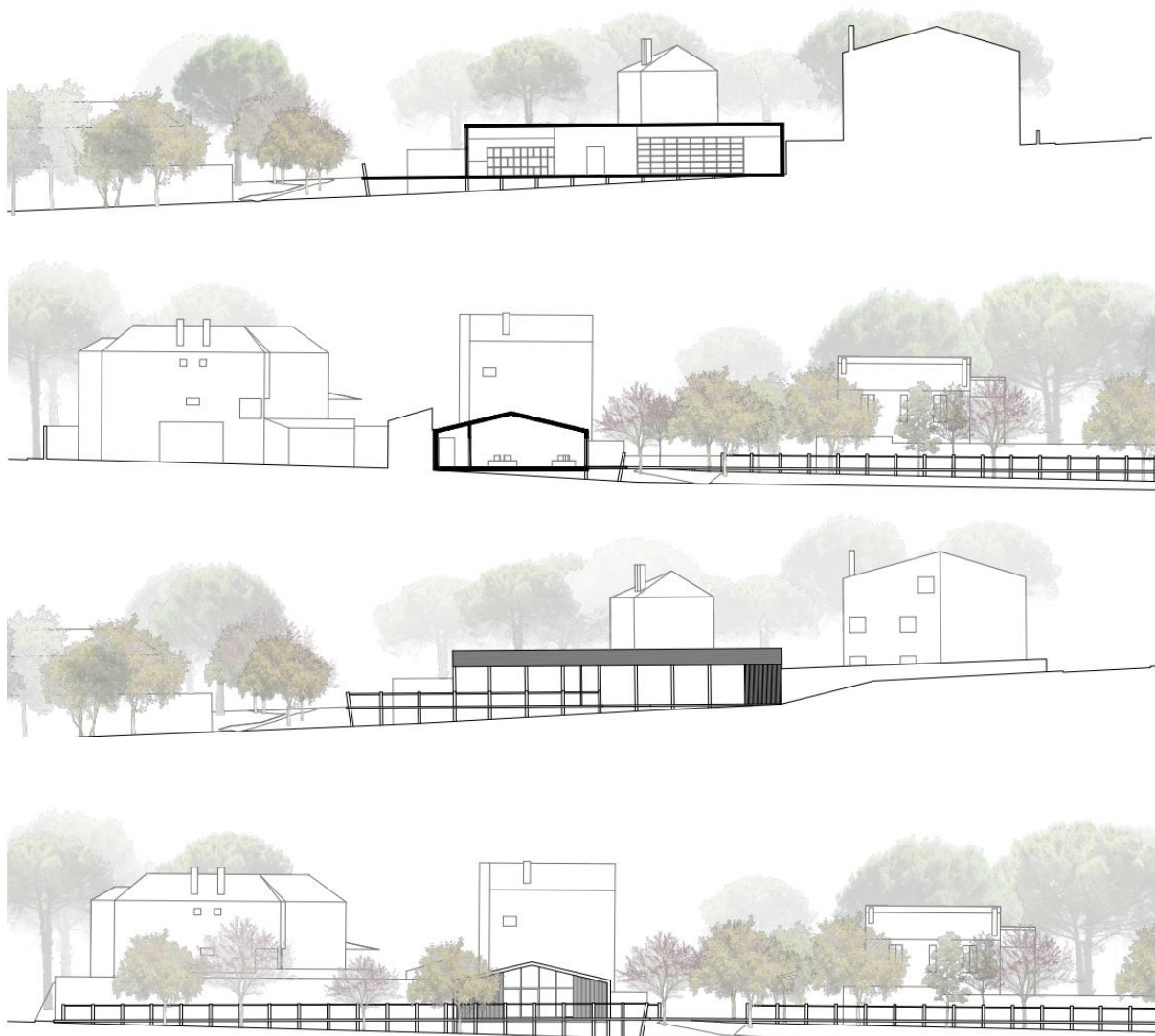


Figura 42 – Cortes e Alçados Edifício 1 (redução da escala 1/200)

Edifício 2



Figura 43 – Planta Edifício 2 (redução da escala 1/200)



Figura 44 – Corte Perspetivado do Edifício 2 (redução da escala 1/50)

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

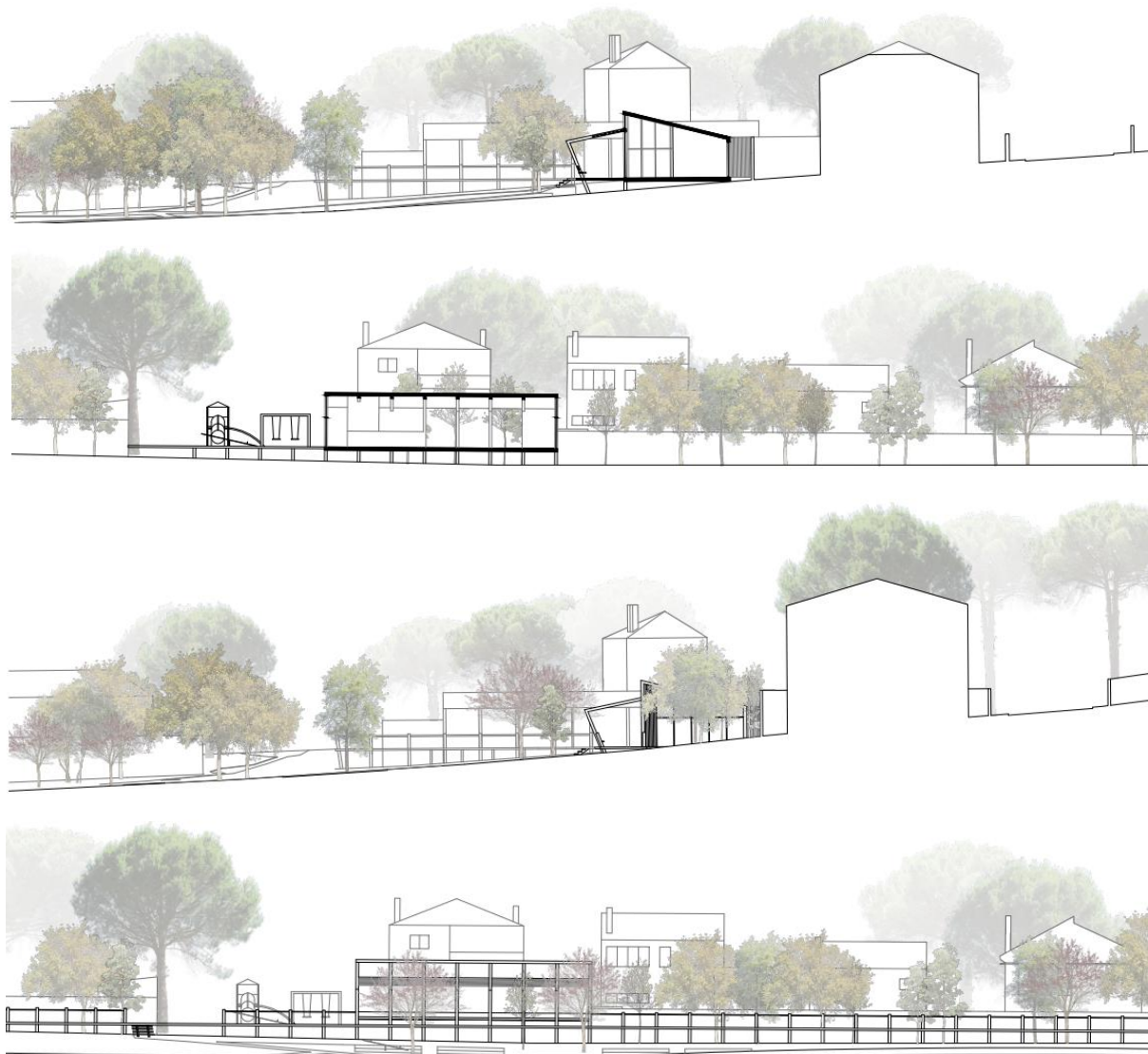


Figura 45 – Cortes e Alçados do Edifício 2 (redução da escala 1/200)

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

Espaço Público

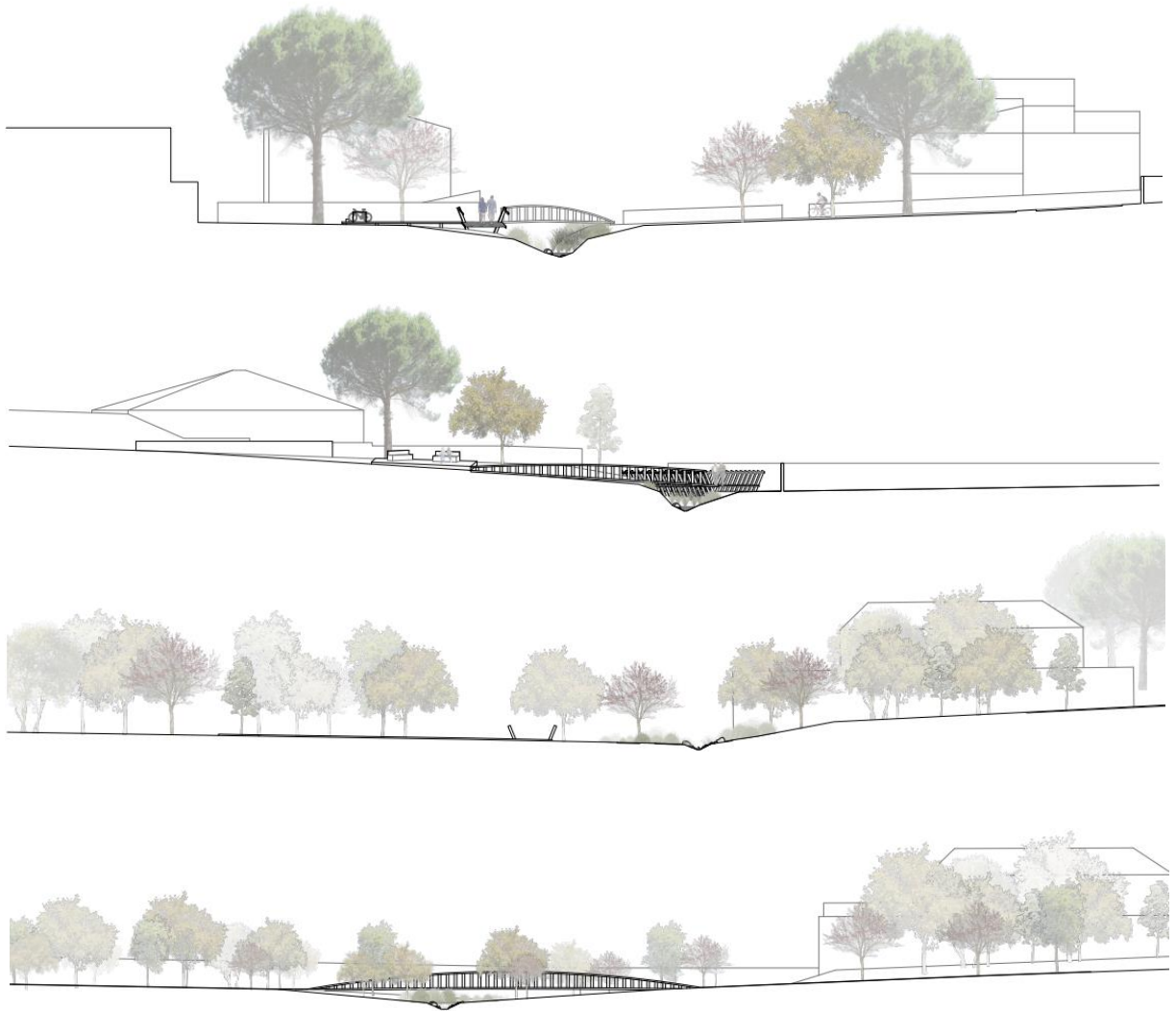
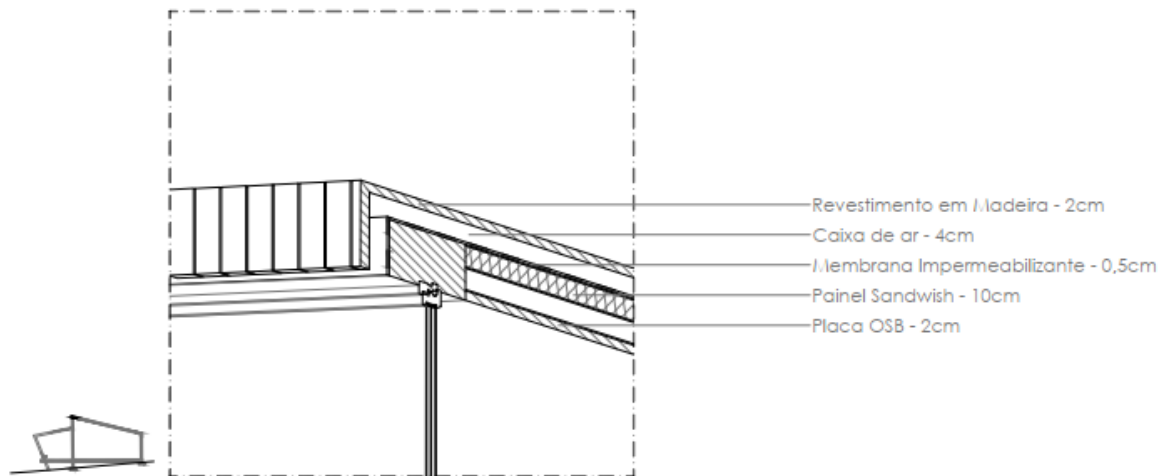
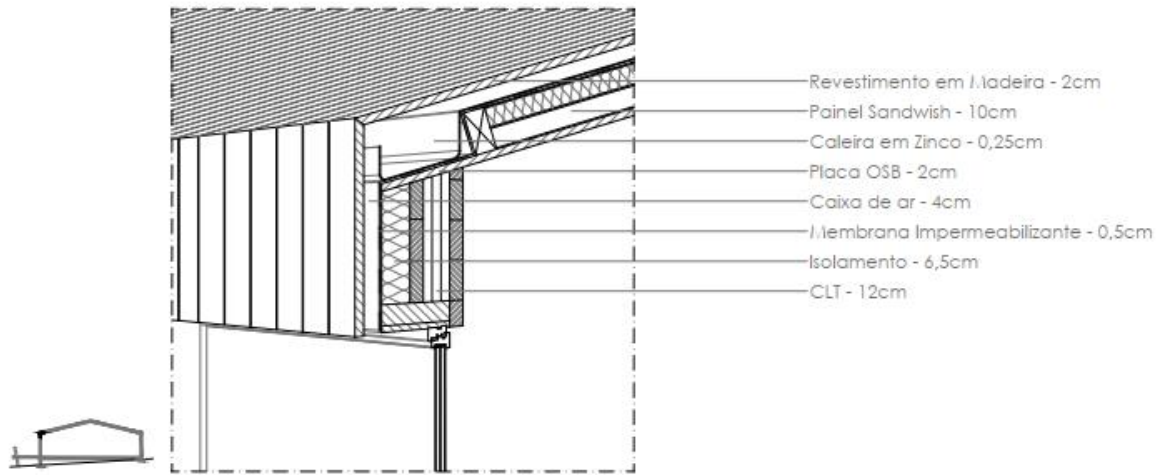
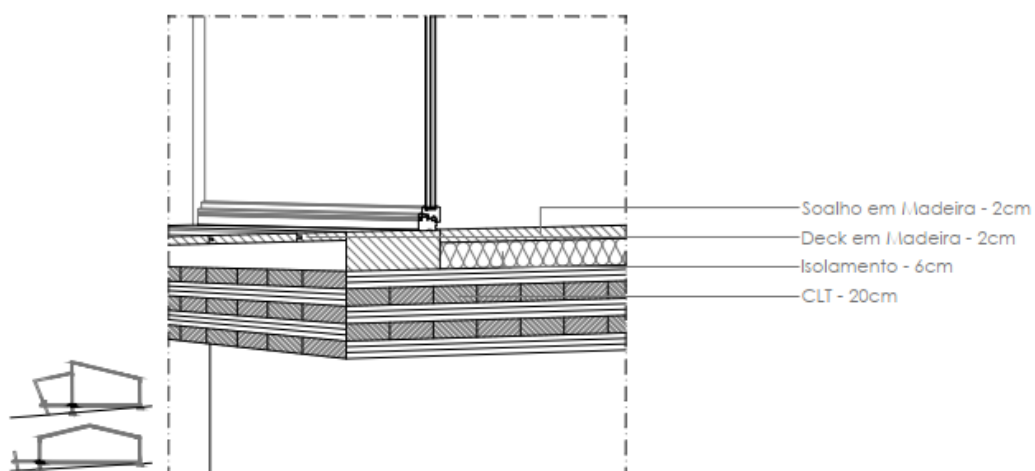
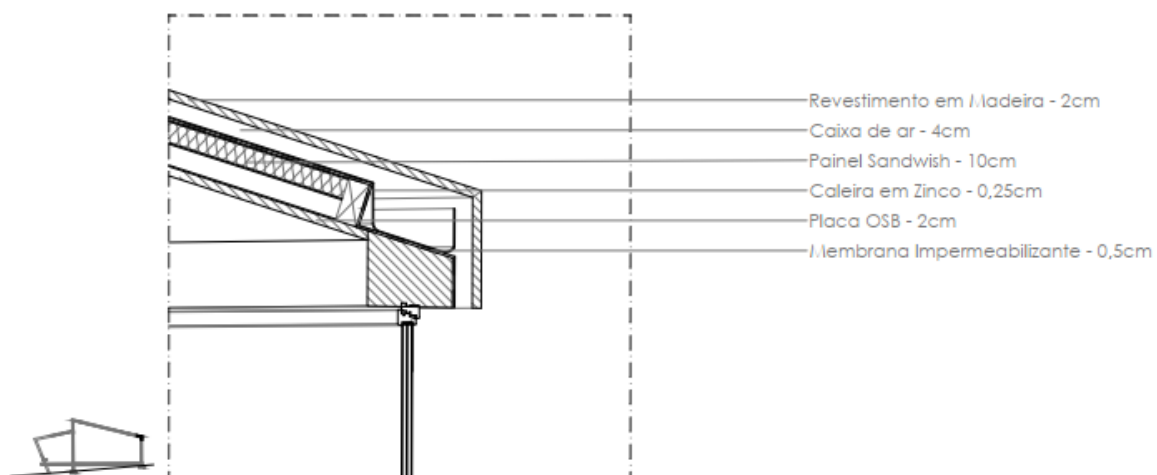


Figura 46 – Cortes que mostram a relação do projeto com o espaço público e a ribeira (redução da escala 1/200)

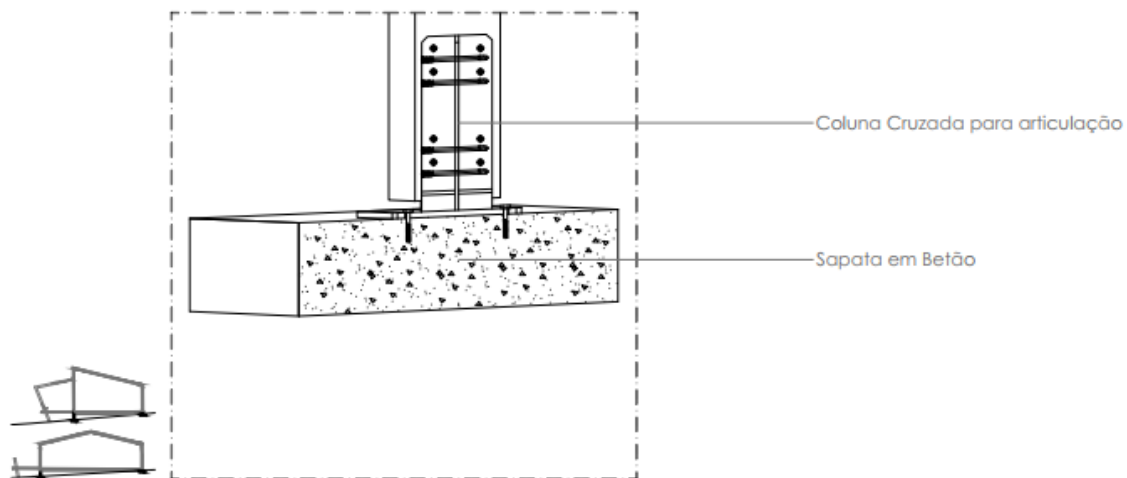
Detalhes Construtivos



Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado



Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado



Considerações Finais

O abandono gradual desta linha de água levou à degradação do território, dando origem a uma necessidade de regeneração do mesmo e mostrando a necessidade de voltar às origens para compreender se ainda existe a possibilidade de regenerar o território.

Desta forma, a paisagem, os lugares e os limites funcionaram como elementos estruturais para a elaboração do trabalho teórico e prático, com base na reintegração da Ribeira de Sasseiros no território. Os pontos principais visaram compreender qual o tipo de paisagem existente e qual a paisagem que se propõe. Neste caso estamos perante um território do qual se quer fazer uma paisagem que tem como objetivo uma mistura dos diferentes tipos. Ou seja, é rural pela proposta de hortas urbanas que permitam às pessoas produzirem os seus próprios alimentos e é ecológica pois tem como intenção regenerar-se a si própria, para que não seja necessária a mão humana para a sua manutenção. Os seus organismos desenvolver-se-ão ao ritmo natural para que o ecossistema continue seguro. Passando a ser paisagem artística a partir do momento que se desenha o espaço público e também arquitetónica por fundir as construções com o existente e proposta.

Os lugares remetem ao ambiente que se quer fazer sentir no espaço. O objetivo de criar um lugar e não um não-lugar para que faça sempre parte da cidade, e para que não deixe de existir. Tendo a possibilidade de se tornar um espaço quando é habitado pelas pessoas. E os limites renunciam a função de barreira, quando se tornam permeáveis permitindo o atravessamento do espaço e a vivência no interior do próprio limite.

A salvaguarda dos recursos hídricos é um fator decisivo para a regeneração do território. A construção de uma nova paisagem, renaturalizada e equipada promove um novo equilíbrio entre o homem e a natureza. A sustentabilidade de um território, com estas características, assenta no princípio do equilíbrio de um tripé, simultaneamente, cúmplice do ambiente, inclusivo socialmente e equilibrado na sua economia.

Referências Bibliográficas

Augé, M. (2012) *Não-Lugares Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 9th edn. Campinas, SP: Papirus Editora.

Avelar, D. and Cruz, J. (2010) 'Plano Estratégico de Cascais face às Alterações Climáticas'. Cascais: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, p. 103.

Battle, E. (2011) *El Jardín de la metrópoli*. Barcelona: Gustavo Gili.

Costa, M. J. (2015) 'Biodiversidade'. Lisboa: Instituto de Oceanografia Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, p. 32.

Cullen, G. (2006) *The Concise Townscape*. Jordan Hill, UK: Architectural Press.

Dias, M. G. (2003) 'Seis Propostas para o Próximo Milénio', *Jornal Arquitectos*, 209(Polis Cacém Rapidez), pp. 48–71.

Freguesia, N. da (2000) 'Terreão de Mina de Água e aqueduto'. Cascais: 2000, p. 11. Available at: <https://www.jf-sdrana.pt/freguesia/patrimonio/Torreao-de-Mina-de-Agua-e-aqueduto/124/>.

Henriques, J. M. (2014) *Cascais Território História Memória 650 anos*. Cercica, C. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

Lino, R. (1945) 'Quatro Palavras sobre urbanização'. Lisboa, p. 38.

Lobão, M. (2016) *SANAA Design Process*. Instituto Superior Técnico.

Lynch, K. (1960) *Imagem da Cidade*. 70th edn. Massachusetts: Arte & Comunicação.

Marx, R. B. (2018) *Landscape as Art and Urbanism*. Edited by G. Doherty. Rio de Janeiro: Lars Muller Publishers.

Pallasmaa, J. (2018) *Habitar*. 1ª. Barcelona, 2016: Gustavo Gili.

Santos, M. (2018) 'Vazios Urbanos'. Wall Street Internacional, p. 1. Available at:
<https://wsimag.com/pt/arquitetura-e-design/36991-vazios-urbanos>.

Schachter, A. (2003) 'Mansilla + Tuñon: Obras recientes', *Revista Internacional de Arquitectura*, 27(Ciudadela Cultural, Logroño).

Silva, J. C. V. da (1988) *Antologia 1981-2004*. 218th–219th edn. Edited by J. Figueiredo et al. Lima: Jornal Arquitetos.

Taki, K. (1996) 'Kazuyo Sejima 1988 1996', *El Croquis*, 77(1)(Conversación con Kazuyo Sejima), pp. 6–17.

Teixeira, C., Cardoso, G. and Miranda, J. (2003a) 'Quinta da Torre da Aguilha', in *Registo fotográfico da freguesia de São Domingos de Rana e alguns apontamentos histórico-administrativos*. Junta de F. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 257–266. doi: 196112/03.

Teixeira, C., Cardoso, G. and Miranda, J. (2003b) 'Quinta dos Gafanhotos', in *Registo fotográfico da freguesia de São Domingos de Rana e alguns apontamentos histórico-administrativos*. Junta de F. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 104–106. doi: 196112/03.

Whyte, W. H. (2001) *The Social Life of Small Urban*. New York.

Índice de Figuras

Figura 1 – Limites de Cheia.....	13
<i>Fonte: https://geocascais.cascais.pt/</i>	
Figura 2 – Unidades de Paisagem.....	14
<i>Fonte: https://geocascais.cascais.pt/</i>	
Figura 3 – Galerias Ripícolas	18
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 4 – Tabela que representa os tipos de ribeiras, segundo o Método de Rosgen.....	19
<i>Fonte: http://www2.deq.idaho.gov/water/BurpViewer/BurpSite/Stream?BurpID=2018SCDAA002</i>	
Figura 5 – Perfil da Ribeira de Sassoeiros.....	20
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 6 – Diagrama da Carta Militar de 1935.....	24
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 7 – Diagrama da Carta Militar de 1970.....	27
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 8 – Diagrama da Carta Militar de 1992.....	29
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 9 – Diagrama da Carta Militar de 2009.....	32
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 10 – Esquema do ambiente e paisagem.....	37
<i>Fonte: Diagrama elaborada pela autora</i>	
Figura 11 – Palácio de Versalhes, Paris, França.....	41
<i>Fonte: http://multiplosestilos.blogspot.com/2010/04/luxo-palacio-de-versalhes.html</i>	
Figura 12 – Casa Malaparte, Ilha de Capri, Itália.....	41
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/799350/classicos-da-arquitetura-casa-malaparte-adalberto-libera</i>	

Figura 13 – Hortas Urbanas, Lisboa.....	41
<i>Fonte: https://nit.pt/out-of-town/back-in-town/as-hortas-urbanas-continuam-a-invadir-lisboa</i>	
Figura 14 – Deserto.....	41
<i>Fonte: Imagem de Brett Weston, in https://fotografiamais.com.br/fotos-de-paisagens/</i>	
Figura 15 – Casa da Cascata, Pennsylvania, E. U. A.....	41
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-53156/classicos-da-arquitetura-casa-da-cascata-frank-lloyd-wright</i>	
Figura 16 – Casa Farnsworth, Plano Illinois no inverno, efeito linhas.....	45
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe</i>	
Figura 17 - Casa Farnsworth, Plano Illinois no verão, efeito sombreamento	45
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe</i>	
Figura 18 – Capela para o Vaticano, Veneza, efeito escultura.....	45
<i>Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/895146/primeira-participacao-do-vaticano-na-bienal-de-veneza-pavilhao-da-santa-se</i>	
Figura 19 – Plano Polis no Cacém.....	47
<i>Fonte: https://www.risco.org/projects/area-central-do-cacem_17</i>	
Figura 20 – Ciudadela Cultural, Logroño, Vivência sobre o limite.....	49
<i>Fonte: Mansilla + Tuñon: Obras Recentes, in Revista Internacional de Arquitectura, 27</i>	
Figura 21 – Planta do Projeto Ciudadela Cultural em Logroño.....	50
<i>Fonte: Mansilla + Tuñon: Obras Recentes, in Revista Internacional de Arquitectura, 27</i>	
Figura 22 – Platform I, Japão.....	53
<i>Fonte: Kasuyo Sejima 1988 1996, in El Croquis, 77</i>	
Figura 23 – Platform II, Japão.....	53
<i>Fonte: Kasuyo Sejima 1988 1996, in El Croquis, 77</i>	










Figura 24 – 21st Century Museum, Japão.....	53
<i>Fonte: Kasuyo Sejima 1988 1996, in El Croquis, 77</i>	
Figura 25 – Museum of Arts Glass, Toledo, E. U. A.....	53
<i>Fonte: Kasuyo Sejima 1988 1996, in El Croquis, 77</i>	
Figura 26 – Oportunidades do território.....	57
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 27 – Diagramas do terreno (1935, 1970, 1992 e 2009)	58
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 28 – Fotografia do terreno, Percurso Pedonal existente.....	59
<i>Fonte: Fotografia elaborada pela autora</i>	
Figura 29 – Fotografia do terreno, Vegetação existente.....	60
<i>Fonte: Fotografia elaborada pela autora</i>	
Figura 30 – Fotografia do terreno, Ribeira e Canaviais.....	61
<i>Fonte: Fotografia elaborada pela autora</i>	
Figura 31: Fotografia do terreno, Atravessamento sobre a Ribeira.....	62
<i>Fonte: Fotografia elaborada pela autora</i>	
Figura 32 – Diagrama de Análise do terreno (Linha de água, Verdes e Vias)	64
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 33 – Diagrama de Análise do terreno (Serviços, Estrutura Ecológica e Génese Ilegal) .	65
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 34 – Diagrama da Proposta de Grupo.....	66
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 35 – Diagrama, Topografia e Linha de água.....	68
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 36 – Diagrama da Estrutura Arbórea.....	69
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado













Figura 37 – Diagrama de Pavimentos e Equipamentos.....	70
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 38 – Planta de Implantação (redução da escala 1/1000).....	71
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 39 – Planta de Implantação à cota 87 (redução da escala 1/1000).....	72
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 40 – Planta Edifício 1 (redução da escala 1/200).....	73
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 41 – Corte Perspetivado (redução da escala 1/50).....	74
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 42 – Cortes e Alçados do Edifício 1 (redução da escala 1/200).....	75
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 43 – Planta Edifício 2 (redução da escala 1/200).....	76
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 44 - Corte Perspetivado (redução da escala 1/50).....	77
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 45 – Cortes e Alçados do Edifício 2 (Redução da escala 1/200).....	78
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	
Figura 46 – Cortes que mostram a relação do projeto com o espaço público e a ribeira (redução da escala 1/200).....	79
<i>Fonte: Diagrama elaborado pela autora</i>	

Anexos
















Com a ajuda do Guia das Árvores de Cascais foi possível reunir as árvores que mais se adequam para pertencerem ao espaço público proposto. A escolha baseou-se na proximidade ao concelho em questão, S. Domingos de Rana e também na existência de algumas das espécies já no local. Tal como a abundância de Pinheiros de Alepo, de uma Figueira e de alguns Choupos-Negros. A restante vegetação do local é ripícola, devido ao atravessamento da ribeira no terreno.

Nome		Família	Folha	Tronco	Sobre
	Ameixoeira-dos-Jardins <i>Prunus Cerasifera</i>	Rosáceas			Árvore de copa arredondada que pode chegar aos 8 metros de altura. A sua folha é caduca.
	Tília-Prateada <i>Tilia Tomentosa</i>	Tiliáceas			Árvore de copa com formato de pirâmide e ampla. Pode chegar aos 30 metros de altura. A sua folha é caduca.
	Amoreira <i>Morus Nigra</i>	Moráceas			Árvore de copa ampla e com os ramos dispersos e compridos. Pode chegar aos 5 metros de altura e a sua folha é caduca.

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

Nome		Família	Folha	Tronco	Sobre
	Pinheiro de Alepo <i>Pinus Halepensis</i>	Pináceas			Árvore de grande porte com copa irregular e pode chegar aos 20 metros de altura, com folhagem persistente.
	Plátano <i>Platanus Hybrida</i>	Platanáceas			Árvore de grande porte, copa ampla mas irregular, pode chegar aos 30 metros de altura de folha caduca
	Tipuana <i>Tipuana Tipu</i>	Leguminosas			Árvore alta que pode chegar aos 25 metros, com os ramos descaídos e copa irregular, de folha caduca
	Olaia <i>Cercis Siliquastrum</i>	Leguminosas			Árvore de copa irregular e arredondada, podendo chegar aos 10 metros de altura. A sua folha é caduca.

Reintegração de Ribeira de Sassoeiros em Espaço Urbano Consolidado

Nome		Família	Folha	Tronco	Sobre
	Zambujeiro <i>Olea europaea</i> Var. <i>Sylvestris</i>	Oleáceas			Árvore com uma grande copa, atinge os 10 metros de altura e a sua folha é persistente.
	Freixo <i>Fraxinus</i> <i>Angustifolia</i>	Oleáceas			Árvore de copa alta e irregular e pode chegar aos 25 metros de altura. A sua folha é caduca.
	Choupo-Negro <i>Populus Nigra</i>	Salicáceas			Árvore de copa irregular de formato oval e pode chegar aos 30 metros de altura. A sua folha é caduca.
	Mélia <i>Melia</i> <i>Azedarach</i>	Meliáceas			Árvore de copa densa e pesquena, podendo chegar aos 25 metros de altura e a sua folha é caduca.
	Nespereira <i>Eryobotria</i> <i>Japonica</i>	Rosáceas			Árvore de copa densa e que pode chegar aos 10 metros de altura. A sua folha é persistente.

